

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**CONTRIBUTO AO ESTUDO DO  
FUNCIONAMENTO MENTAL NA DELINQUÊNCIA  
JUVENIL COM BASE NO PROCESSO DE  
SEPARAÇÃO - INDIVIDUAÇÃO**

**Susana Pires de Matos Morgadinho Faustino**

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA  
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia  
Clínica Dinâmica)

2009

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**CONTRIBUTO AO ESTUDO DO  
FUNCIONAMENTO MENTAL NA DELINQUÊNCIA  
JUVENIL COM BASE NO PROCESSO DE  
SEPARAÇÃO - INDIVIDUAÇÃO**

**Susana Pires de Matos Morgadinho Faustino**

**Dissertação Orientada pelo Prof.º Doutor Manuel Pires de Matos**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**  
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia  
Clínica Dinâmica)

2009



## AGRADECIMENTOS

Ao Prof.º Doutor Manuel Pires de Matos, orientador do trabalho, pelo saber inigualável, pelo *ser* incomparável.

À Dra. Ana Sofia Medina por, *naquele tempo*, ter *catastrofizado* a minha forma de *olhar e de pensar*.

Ao Prof.º Doutor João Justo pelo apoio incansável e imprescindível, pela disponibilidade sempre demonstrada, pelo interesse, incentivo e rigor demonstrado.

À Direcção Geral de Reinserção Social por ter autorizado a recolha dos dados nos Centros Educativos, com especial referência ao Dr. João Agante, pelo empenho e simpatia que sempre demonstrou.

Aos técnicos dos Centro da Bela Vista Dr. Daniel Mendonça, Dra. Fernanda Vieira e Dra. Margarida Macedo. Bem como, aos técnicos do Centro Educativo Padre António Oliveira Dr. Marcos Marinheiro e Dra. Sandra Borba. A Todos muito obrigada pela colaboração, disponibilidade e empenho na concretização da recolha dos dados.

Aos adolescentes que participaram neste estudo, pela genuinidade e *contenção* com que me receberam, e por tudo o que me ensinaram.

À minha família pelo amor, afecto e dedicação presentes na escultura do meu *Eu*.

Às grandes amigas Cláudia Camacho Coelho, Rita Estrela Rodrigues e Sara Sereno pela amizade, apoio e incentivo, essenciais a esta travessia.

E a todos os que compõem a minha vida e que foram elementos fundamentais do equilíbrio necessário para a concretização deste trabalho.



## RESUMO

No presente trabalho procedeu-se ao estudo do funcionamento mental nos adolescentes com o diagnóstico de delinquência, em situação de internamento em Centros Educativos. Foram definidos quatro objectivos principais: 1) Caracterizar o *processo de separação-individuação* nos adolescentes com diagnóstico de delinquência internados em Centros Educativos; 2) Analisar o *processo de separação-individuação* em função de variáveis familiares, tais como o tipo de família e pais juntos ou separados; 3) Analisar o *processo de separação-individuação* em função de variáveis anamnésicas, tais como ter ou não sido amamentado e com quem viveu até aos 6 anos; 4) Analisar o *processo de separação-individuação* em função de variáveis do contexto institucional, tais como motivo do internamento, Medida Tutelar Educativa aplicada e existência ou não de delitos anteriores. Participaram no estudo 30 adolescentes do sexo masculino com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos. Utilizou-se um questionário, o *Separation-Individuation Test of Adolescence* (SITA), adaptado por Geada (1992) para a população portuguesa. Construiu-se, ainda, uma Ficha de Recolha de Informação referente a dados sócio-demográficos, anamnésicos e do contexto institucional. Os resultados mostram um padrão problemático no *processo de separação-individuação* dos adolescentes. Não foram encontradas diferenças significativas no *processo de separação-individuação* em função das variáveis familiares, anamnésicas e do contexto institucional analisadas. Contudo, sobressai o valor significativo da *Ansiedade de Destruição*, quando existem delitos anteriores. Apesar das limitações deste estudo, ele revelou-se pertinente para o incremento do conhecimento sobre o funcionamento mental nesta população específica, sendo, no entanto, de todo o interesse a sua replicação com uma amostra de maior dimensão.

Palavras-Chave: Delinquência, *Processo de Separação-Individuação*, Adolescência

## ABSTRACT

In this work we developed the study of the mental functioning in delinquent adolescents population that has been admitted to Educative Centers. Four main aims have been defined: 1) Characterize the process that follows the separation-individuation process in adolescents diagnosed with delinquency that have been admitted in Educative Centers; 2) Analyze the *separation-individuation process* in respect to the multiple familiar variables such as the type of family and parents which may divorced or not; 3) Analyze the *separation-individuation process* regarding amnesic variables such as having breastfed or not and the family with which the individual has lived up to the age of six years old; 4) Analyze the *separation-individuation process* regarding the variables of the institutional context such as the grounds for the admittance, Tutelary Educative Measure used and the existence of prior felonies. This study surveyed 30 male adolescents with ages between 14 and 18 years old. We used the survey *Separation-individuation Test of Adolescence* (SITA), adapted by Geada (1992) for the Portuguese population. Furthermore we created an Information Research Table concerning data related to social demographic conditions, amnesic and institutional context elements. The results showed a problematic pattern in the *separation-individuation process* of adolescents. In addition, no significant differences were found in the separation-individuation process concerning the analyzed and above referred variables. Even though, the study has shown the important value of the *Anxiety of Destruction* when in presence of prior felonies. Despite this study's limitations, this work has proved to contribute to the acquisition of knowledge regarding mental functioning in this specific population, and it would be interesting to repeat it with a larger sample.

Keywords: Delinquency, *Separation-Individuation Process*, Adolescence

## ÍNDICE GERAL

<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 1: Enquadramento Teórico .....</b>	<b>14</b>
1.1 Adolescência.....	15
1.1.1 <i>Reis Escravos</i> .....	15
1.2 Delinquência.....	21
1.2.1 <i>Quantas vezes, Amor, me tens ferido?</i> .....	21
1.2.2 <i>Espelho sem reflexo</i> .....	26
1.2.3 <i>Catarse Criativa</i> .....	27
1.2.4 <i>Não penso logo</i> .....	30
1.2.5 <i>De imenso Amor, de Esperança louca</i> .....	33
<b>Capítulo 2: Objectivos e Hipóteses .....</b>	<b>36</b>
<b>Capítulo 3: Método.....</b>	<b>39</b>
3.1 Participantes .....	40
3.1.1 Caracterização Sócio-Demográfica da Amostra .....	41
3.1.2 Caracterização Anamnésica da Amostra .....	44
3.1.3 Caracterização do Contexto Institucional da Amostra .....	47
3.2 Instrumentos de Medida .....	49
3.2.1 Teste de Separação - Individuação na Adolescência.....	50
3.2.2 Ficha de Recolha de Informação .....	53
3.3 Procedimento .....	54
3.4 Procedimentos Estatísticos .....	55
<b>Capítulo 4: Resultados .....</b>	<b>56</b>
4.1 Estatística Analítica .....	57
4.1.1 Caracterização dos Resultados das Subescalas do SITA .....	57
4.1.2 Caracterização das Subescalas do SITA em Função de Variáveis Tipo de Família .....	58
4.1.3 Caracterização das Subescalas do SITA em Função de Variáveis Anamnésicas .....	60



4.1.4 Caracterização das Subescalas do SITA em Função de Variáveis do Contexto Institucional.....	62
4.2 Relação entre as Subescalas do SITA .....	65
<b>Capítulo 5: Discussão de Resultados.....</b>	<b>67</b>
5.1 Discussão .....	68
5.2 Conclusão .....	76
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>78</b>

## ÍNDICE DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Média, Desvio Padrão, Mínimos e Máximos das Idades do Grupo Experimental.....	41
<b>Quadro 2.</b> Características Sociodemográficas dos Participantes .....	42
<b>Quadro 3.</b> Dados Anamnésicos dos Participantes.....	45
<b>Quadro 4.</b> Médias e Desvios Padrão por Idades de Aquisição do Controlo Esfincteriano, da Motricidade e da Liguagem.....	47
<b>Quadro 5.</b> Contexto Institucional dos Participantes .....	48
<b>Quadro 6.</b> Médias, Desvios-Padrão, Mínimos e Máximos das Subescalas do SITA.....	
<b>Quadro 7.</b> Comparação das Subescalas do SITA com a Variável Tipo de Família (Teste de Kruskall Wallis para 5 Amostras Independentes.....	57
<b>Quadro 8.</b> Comparação das Subescalas do SITA com a Variável Pais Vivem Juntos ou Separados (Teste U = Mann-Whitney).....	60
<b>Quadro 9.</b> Comparação das Subescalas do SITA com a Variável Amamentação (Teste U = Mann-Whitney.....	61
<b>Quadro 10.</b> Comparação das Subescalas do SITA com a Variável Com Quem Viveu até aos 6 anos (Teste de Kruskall Wallis para 4 Amostras Independentes) .....	62
<b>Quadro 11.</b> Comparação das Subescalas do SITA com a Variável Motivo do Internamento (Teste U = Mann-Whitney).....	63

<b>Quadro 12.</b> Comparação das Subescalas do SITA com a Medida Tutelar Educativa Aplicada (Teste de Kruskal Wallis para 3 Amostras Independentes)	64
.....	
<b>Quadro 13.</b> Comparação das Subescalas do SITA com a Variável Já Havia Cometido Delitos Anteriores (Teste U = Mann-Whitney)	65
.....	
<b>Quadro 14.</b> Matriz de Correlações das Subescalas do SITA	66

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

**Anexo 1.** Teste de Separação Individuação na Adolescência - *SITA*

**Anexo 2.** Subescalas do SITA

**Anexo 3.** Fórmula de Cálculo para o SITA

**Anexo 4.** Ficha Recolha de Informação

**Anexo 5.** Carta de Autorização para a Recolha da Amostra

**Anexo 6.** Lei Tutelar Educativa

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho centra-se no funcionamento mental adjacente à Delinquência Juvenil, através da caracterização do *Processo de Separação-Individuação* nos adolescentes com o diagnóstico de delinquência, sujeitos à Lei Tutelar Educativa e internados em Centros Educativos, pertencentes à Direcção Geral de Reinserção Social. Para tal recorreu-se ao *Separation Individuation Test of Adolescence (SITA)*, desenvolvido por Levine, Green e Millon (1986), e adaptado para a população portuguesa por Geada (1992).

A relevância e pertinência desta investigação advém da escassez de estudos empíricos que especificamente considerem os fenómenos psicodinâmicos da *separação-individuação* na adolescência, que no nosso entender pode clarificar muitos dos comportamentos não adaptativos descritos nesta etapa. O trabalho propõe-se a contribuir para o conhecimento mais aprofundado acerca do funcionamento mental de adolescentes com o diagnóstico de delinquência, em particular no que concerne à sua vivência do *processo de separação-individuação*. Consequentemente visa compreender as vivências e as necessidades destes adolescentes, de forma a poder perceber qual o caminho a seguir na *relação* com eles estabelecida.

A presente investigação está organizada em cinco Capítulos. No primeiro Capítulo é feito um enquadramento teórico acerca da temática em estudo, nomeadamente Adolescência e Delinquência, bem como fenómenos a estes associados. O segundo Capítulo apresenta os objectivos gerais definidos para o trabalho, bem como as respectivas hipóteses elaboradas. No Capítulo seguinte é descrita a metodologia do trabalho, procedendo-se à caracterização dos participantes e à descrição dos instrumentos utilizados, do procedimento e dos procedimentos estatísticos. Do quarto Capítulo consta a análise de resultados. E, por fim, o quinto Capítulo refere-se à discussão dos resultados obtidos e à conclusão da investigação.

## **CAPÍTULO 1: ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

---

## 1.1 Adolescência

*Esta gente cujo rosto*

*às vezes luminoso*

*E outras vezes tosco*

*Ora me lembra escravos*

*Ora me lembra reis*

Sophia de Mello Breyner Andresen (1967), *Geografia*

### 1.1.1 Reis Escravos

Adolescência é um termo utilizado usualmente como contraponto à condição da criança inocente ou à do adulto caracterizado pelo ideal de maturidade e equilíbrio. A psicanálise aborda o sujeito adolescente de outros ângulos, como os processos de luto, seja dos pais, da infância, do corpo infantil, a partir do encontro com o sexo, como passagem que reafirma ou põe a constituição subjectiva à prova, e aponta para o momento da sua, indefinida, conclusão.

Nos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (Freud, 1905/2001), é constante a ideia de que a vida sexual infantil pré – determina o jogo das transformações presentes na puberdade, colocando o jovem perante a genitalidade. Freud fala de *puberdade* em vez de adolescência, considerando o desenvolvimento dos processos psíquicos, como resultado da elaboração do jovem face à libido e à excitação sexual, agora influenciadas por um funcionamento hormonal maciço. É também nesta fase que vão ser reactualizadas fantasias incestuosas, agora filtradas por estruturas integradas, que irão exigir ao jovem o distanciamento do investimento libidinal dos pais.

Esta etapa constitui um grande desafio, impondo mudanças e necessidades, que obrigam a reordenações e composições, colocando à prova a vivência de processos anteriores.

A adolescência é então um tempo de reestruturação e um espaço cheio de história e potencial. É um estado de atribuição de novos significados ao mundo da infância, no qual aspectos fundamentais são adicionados. Todos estes aspectos reflectem-se posteriormente num sentido de identidade e numa maior consciência da temporalidade. O tempo que virá inclui não só o passado e o presente mas também o

futuro (Paz & De Paz, 1992). Como Freud disse, *past, present and future are strung together, as it were, on the thread of the wish that runs through them* (1908/1974, p. 148).

A situação mutável que significa a adolescência obriga a reestruturações permanentes externas e internas que são vividas como intrusões dentro do equilíbrio conquistado na infância e que obrigam o adolescente, no processo identitário, a tentar refugiar-se no passado, enquanto tenta também projectar-se intensamente no futuro (Blos, 1965).

Blos (1962) considera que a adolescência é um processo psicológico de adaptação à pubescência revestido por fases semelhantes ao *processo de separação-individuação* descrito por M. Mahler (1952). O processo de individuação descreve a eclosão na infância da membrana simbiótica para deixar desabrochar o indivíduo. Tal corresponde na adolescência à ruptura de vínculos de dependência da família, à perda dos objectos infantis, com o intuito de se tornar membro por inteiro da sociedade ou mais simplesmente num membro do mundo dos adultos.

Nesta fase, ocorrem novas operações, que expõem o sujeito à cena social, surgindo um outro discurso para além do dos pais. Estas operações irão possibilitar a pertença e o reconhecimento do sujeito como membro de um grupo social, estando dependente das formas e das condições oferecidas por este (Aberastury & Knobel 1981).

De acordo com P. Aulagnier (1979), o discurso social projecta sobre os jovens a mesma antecipação que é própria do discurso parental. O grupo pré - investirá o lugar que o sujeito ocupará, na esperança de que ele transmita, de forma idêntica, o modelo sócio – cultural. O sujeito deverá encontrar nesse discurso referências que lhe permitam projectar-se no futuro, para que o afastamento do primeiro suporte não se traduza na perda de todo o suporte identitário.

Na busca da identidade adolescente, o indivíduo recorre, então como comportamento defensivo à busca de uniformidade, que pode proporcionar segurança e estima pessoal. Desta forma, o fenómeno grupal adquire extrema importância, transferindo para este grande parte da dependência que anteriormente mantinha com a estrutura familiar (Blos, 1965). O Grupo irá favorecer a utilização de mecanismos esquizo-paranóides, permitindo uma maior estabilidade e coesão através do apoio e do agradecimento que significa o ego dos demais, com os quais o sujeito se identifica (Foulkes, 1963/1967), facilitando a conduta transgressora normal do adolescente.



A relação com o exterior vai permitir a delimitação da realidade e o apaziguamento das tendências internas, alimentadas por diversos factores de ordem interna e externa. Porém, a vivência destas forças exige a procura de delimitação e definição (que não só sente internamente), podendo surgir determinados comportamentos como marca da transgressão. As infracções podem, assim, significar estratégias para organizar o caos interior, que é projectado em objectos externos precisos, representantes da realidade (Marques, 1995).

O *acting out motor*, produto do descontrolo face à perda da representação do corpo infantil, une-se ao *acting out afectivo*, produto do descontrolo pelo papel infantil que se está a perder. Aparecem, então condutas de desafecto, de crueldade com o objecto, de indiferença e falta de responsabilidade, inerentes a um quadro psicopatológico, mas que se encontram na adolescência normal. É um momento circunstancial e transitório, sendo preponderante o papel das microdepressões e dos microlutos de forma a preverem e prepararem o ego, perante o perigo de depressões mais graves e severas (Blos, 1965).

Para Coimbra de Matos (2002) a procura de separação e independência face às figuras parentais conduz a um processo de culpa/punição, conducente de dor mental, que tende a ser reprimida, levando à substituição do sentimento pela acção.

Para atravessar esta etapa decisiva no processo de separação é necessário elaborar três lutos fundamentais. Primeiramente o luto pela representação do corpo infantil, ou seja, a perda das características sexuais primárias e a consequente aquisição de características sexuais secundárias. Será também fundamental fazer o luto pela identidade e pela representação do papel da criança, é crucial que o adolescente renuncie a sua dependência perante o adulto e passe a assumir as suas próprias responsabilidades. Por fim, deverá fazer o luto pelas imagos parentais da infância, sendo este vivido de ambos os lados, ou seja, pelos pais, que terão de aceitar o seu próprio envelhecimento, e pelos adolescentes que tentarão reter na sua personalidade o refúgio e protecção que os pais ofereciam na infância, através da boa internalização das imagos parentais (Aberastury & Knobel, 1981; Blos, 1965; Braconnier & Marcelli, 2000; Kammerer, 1992).

Aberastury e Knobel (1981) consideram que para o adolescente atingir a maturidade terá de passar por diversas condutas patológicas - *síndrome da adolescência normal*. Esta constitui um produto da própria situação evolutiva do adolescente e vai surgir da interacção do indivíduo com o meio. Contempla diversas etapas,

nomeadamente, a busca de si mesmo e da identidade, tendência grupal, necessidade de intelectualização e de fantasia, crises religiosas, deslocação temporal, evolução da sexualidade (do auto-erotismo à heterossexualidade), atitude social reivindicatória, contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, separação progressiva dos pais e constantes flutuações de humor.

A síndrome da adolescência normal é considerada *uma saída – mais ou menos frequente- para a ultrapassagem, sem incidentes, da etapa maturativa da adolescência.* (Coimbra de Matos, 1977, p.74)

A presença internalizada de boas imagens parentais com papéis bem definidos e uma cena primária amorosa e criativa permitirá uma boa separação dos pais, um desprendimento útil e facilitará ao adolescente a passagem à maturidade, para o exercício da genitalidade num plano adulto (Blos, 1965).

A relação entre a adolescência e a transgressão pode ser considerada obrigatória, sendo esta última, necessária para o desenvolvimento, para o crescimento e para o processo de aquisição de novas formas de socialização. O sentido da transgressão está relacionado com as estratégias que visam a procura de solução de um conflito no sentido da adaptação (Aguilar, Sroufe, Egeland e Carlson, 2000; A. Freud, 1958). O comportamento anti-social circunscrito à adolescência pode ser estatisticamente normativo e interpretado como tentativa de expressar autonomia (Pingeon, 1982).

O mecanismo esquizóide exacerbado nesta fase é a forma onipotente que o adolescente encontra para uma espécie de impossibilidade de pensar, isenta da realidade imposta pelo princípio freudiano. A exclusão de pensamento lógico, conseqüente à perda do papel infantil, converter-se-á num agir afectivo, da mesma forma que a perda do corpo infantil se traduzirá no agir motor (Aberastury, 1981).

Segundo Anastasopoulos (1988), o *acting out* traz de volta o uso da formação simbólica primitiva, permitindo a reconstrução das funções do ego. Através dele, e num processo de tentativa erro, o adolescente tenta ligar a fantasia e a realidade. Este processo é visto como um produto da formação de símbolos regressivos, podendo ser também encarado como uma função de suporte, como uma comunicação através de símbolos brutos, sustentando a finalização do eu. Verifica-se uma divisão e uma descarga das partes regressivas que reprimem e não são simbolizadas. O *acting out* na adolescência é assim encarado, como uma defesa onipotente, como um mecanismo preventivo contra a desintegração do eu, através de um regredir ao proto-simbólico. Esta

regressão é encarada como um fenómeno defensivo normal, quando numa idade apropriada.

Segundo Anna Freud (1958), o adolescente faz uso de um pensamento ascetista, intelectualizado e fantasioso para compensar as perdas que ocorrem dentro de si. Segundo a autora, o pensamento adquire nesta etapa, temporal e espacialmente, características muito especiais. No que respeita à conduta observável, é possível dizer que o adolescente vive com uma certa deslocalização temporal, convertendo o tempo em presente e activo, numa tentativa de manejá-lo.

Nesta etapa de vida, a comunicação verbal tem um significado literal e peculiar, antecedendo a acção. Quando não compreendido no seu discurso, o adolescente, influenciado pela sua imensa vulnerabilidade, equivale-o a não ser estimado na sua capacidade de acção, levando-o a efectivar comportamentos potencialmente transgressores (Matos, 2005).

O que difere esta conduta adolescente da do psicopata é que neste último a palavra perdeu todo o seu valor instrumental, a sua função comunicativa e adaptativa, levando a um agir compulsivo e defensivo que não se traduz em nenhuma aprendizagem (Matos, 2005).

Erickson (1976) na sua teoria com raízes freudianas e antropológicas considera a existência de oito etapas psicossociais de desenvolvimento, sendo que cada uma possui um conflito básico. Aqui, e no seguimento de Freud enuncia-se a adolescência como um período onde são revividas todas as fases anteriores, cada uma contribuindo para a formação da identidade que se encerra nesta etapa. Segundo o autor para passar da infância à adolescência é fundamental atravessar um período designado de *moratória psicosexual*, no qual os sujeitos estão voltados para a sociedade. Trata-se de um período de espera, que terá variações individuais e culturais, que o adolescente vive antes de assumir os compromissos do mundo adulto. Neste momento, a sociedade deverá ser tolerante e aberta para que o adolescente possa experimentar diferentes papéis e descobrir o sentimento básico de que *eu sou*. Há ocasiões em que a única solução será procurar uma identidade negativa, isto porque é necessário ser alguém, mesmo perverso ou indesejado, do que não ser nada.

Spiegel (1953) descreve a personalidade adolescente como *esponjosa*, permeável, que recebe tudo e que também projecta enormemente, ou seja, é uma personalidade na qual os processos de projecção e introjecção são intensos, variáveis e frequentes. Fala-se de uma normal anormalidade, de uma instabilidade permanente. Esta conduta instável do adolescente tem como consequência a aquisição de identidades ocasionais, transitórias e circunstanciais, facto não suportado pelo mundo adulto que exige já destes jovens uma identidade estável e coesa.

É daqui que nasce o estigma do *delinquente em potencial*, que emerge no quotidiano das sociedades contemporâneas.

Deverá entender-se que o que, efectivamente, marca esta fase é o seu carácter transitório (Levi & Schimiit, 1996), e que na maioria dos adolescentes os fenómenos de *acting out* são adequados à idade (A. Freud, 1968).

Contudo, é difícil, aqui, em particular, estabelecer uma linha entre o normal e o patológico (A. Freud, 1958). *O desespero no centro da inumana condição de abandonado e não amado é testemunha do agir deste herói trágico, dilacerado e estilhaçado, que vive um conflito interior travado entre as várias facetas das suas personalidades, em luta contra os fantasmas que teimam em surgir e põem a nu fragilidades inconfessáveis e sofrimentos inomináveis* (Lobo Antunes, 2008).

A manifestação da agressividade constitui, assim um dos aspectos mais formidáveis e dramáticos da adolescência. Agora, desapareceram os bloqueios da latência, a pulsão agressiva torna-se aliviadamente dominante e encontra expressão máxima no comportamento delinquente, quando a fantasia e o agir adaptativo falham (Blos, 1965; Blos, 1976; Blos, 1978).

Esta rigidez manifesta por alguém que procura desesperadamente uma razão para existir, esconde uma depressão profunda (Matos, 1991), que poderá ser manifesta, latente ou mascarada, endógena, neurótica, borderline ou psicótica.

Adolescência, do latim *adolescere*, significa crescer em direcção à maturidade, a condição ou o processo de crescimento. Na nossa civilização (...) *que repousa, falando de modo geral sobre a supressão dos instintos, cada indivíduo deverá renunciar a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onnipotência ou ainda das inclinações vingativas ou regressivas da sua personalidade. Dessas contribuições resultará o acerto cultural comum de bens materiais e ideais*, (Freud, 1908/1976, p.192), que levará ao culminar do processo maturativo.

## 1.2 Delinquência

*“(...)há neles uma sede de ternura, um desejo de amor absolutamente inextinguível. A morte e a vida não têm, para eles, qualquer significado ou, pelo menos, têm um significado muito diferente do que para nós.*

António Lobo Antunes (2008), *O Meu Nome é legião*

### 1.2.1 *Quantas vezes, Amor, me tens ferido?*

*Este Homem é aquele que entre as espécies (...) vem ao mundo com maior imaturidade, (...) tem a infância mais longa, traz mais potencialidades evolutivas e que mais fica dependente do estímulo dos progenitores* (Malpique, 1990). É aquele que é propenso a estabelecer laços afectivos fortes com determinadas pessoas, ficando emocionalmente afectado quando ocorrem separações ou perdas indesejadas (Bowlby, 1981; 1985;1990).

Ferenczi (1932), Winnicott (1945), Balint (1968) enfatizam a necessidade vital de ser amado, cuidado e considerado total e incondicionalmente, catalisando a capacidade de amar no sujeito. O vínculo estabelecido com um objecto seguro (Bretherton, 1987) potencia sentimentos de amor, segurança e contentamento, por oposição a ansiedade, inquietação e depressão, permitindo que o sujeito se sinta confiante na disponibilidade da figura de vinculação e possa explorar o mundo que o rodeia (Guedeney & Guedeney, 2004).

Quando ocorre falha de fornecimentos vitais, por muitos associada a uma fixação ao estágio oral (Freud, 1940/1964; Greenacre, 1952; Kaufman, 1955), o objecto de identificação do sujeito é danificado, levando-o a procurar objectos maternos nunca suficientes para suprimir uma avidez e uma insaciabilidade indefinidas (Matos, 2005).

Nestas condições, verifica-se um *apego com angústia* (Bowlby, 1990), um desejo em manter a relação com a figura de apego e, simultaneamente, o medo que esta relação termine. A raiva manifestada por estas crianças é por vezes de esperança, por vezes de desespero. Se por um lado a criança se torna raivosa perante a ameaça de

abandono dos pais, por outro, ela não ousa expressar essa raiva, reprimindo-a e procurando outros alvos. A ligação que estabelecem com o objecto é marcada por forte insegurança, sendo perceptível o medo que têm de que este se torne inacessível e não responsivo (Bowlby, 1990). O estado de desamparo, consequente, produz as primeiras situações de perigo, criando a necessidade de ser amado da qual o homem não se livrará mais (Freud, 1926/1959). Tendo o *amor a sua origem vinculada à necessidade satisfeita de nutrição* (Freud, 1940/1964), as crianças privadas precocemente de afecto tornam-se incapazes de amar e de ser amadas (Matos, 2005).

A introjecção indispensável de uma função continente impossibilita a sustentação da relação privada com um objecto interno constituído. Assim verificar-se-á a ausência de uma adaptação progressiva e fluida entre os estados de indiferenciação e emergência da consciência de separação. Sem esta fase de diferenciação oscilante as actividades e os fenómenos transicionais revelam-se incapazes de proteger o bebé de um encontro *brutal com a mãe não-eu* (Winnicott, 1958/2001).

O fenómeno delinquente encontra-se fortemente associado a uma perturbação acentuada do vínculo precoce (Ainsworth, 1968) não existindo um objecto interno, suficientemente estável, contentor, *rêveur*, capaz de elaborar frustrações impostas pela realidade. A sua representação mental é fraca, inconsistente e instável. O objecto da génese delinquente, constantemente projectado e perseguido, apenas permite uma relação inconstante e não elaborativa, conduzindo a um sentimento de depressão inconsciente, compensado através de um comportamento instável e de *fuga para a frente*, e nas situações melhor sucedidas, à recriação de objectos – objectos-coisas – como prolongamento e acabamento do objecto parcial e interno. Desta instabilidade e insegurança relacional resulta o sinal patognomónico da delinquência, a inconstância objectal, reflectindo-se na incapacidade do sujeito em suportar a ansiedade e a frustração impostas pela realidade (Coimbra de Matos, 2002).

O objecto do delinquente rejeita a individualidade da criança considerando-a enquanto um prolongamento dele mesmo. São objectos *não - suficientemente bons*, que não consideram os desejos mais genuínos dos sujeitos, enviesando, desta forma, o seu *processo de individuação*. Tal fenómeno poderá levar o sujeito à formação de um Ideal do Eu, correspondente à materialização dos desejos do objecto e não dos seus próprios desejos. Este falso Eu corresponde a um reflexo do objecto, originando um sentimento de carência narcísica e de depressão larvar, com uma vivência de frustração emocional

contínua – convertida na adolescência, frequentemente, numa atitude de desprezo e violência perante a sociedade (Coimbra de Matos, 2002).

Aguilar, Sroufe, Egeland e Carlson (2000) corroboram a premissa da existência de evidências empíricas substanciais que relacionam aspectos do desenvolvimento precoce, nomeadamente, qualidade da vinculação, hostilidade parental, depressão materna, maus tratos sofridos, com o desenvolvimento de padrões de comportamento anti-social. Tais carências conduzirão a grandes dificuldades na organização do aparelho psíquico, desencadeando defesas maníacas, afim de evitar a angústia e a depressão latentes, bem como descontinuidades relacionais.

Coslin (2003) advoga, igualmente, que aspectos da personalidade como a ansiedade, a negação do outro e o desinvestimento afectivo estão correlacionados com a delinquência.

De acordo com Winnicott (1984/2005) a tendência anti-social exibida por estas crianças representa um movimento compulsivo que permitirá que estas obtenham da sua mãe a reparação pelo dano que lhe causou, ao não satisfazer totalmente as suas exigências iniciais. Para compensar a perda do seio, a perda da mãe, a criança pode tirar sem ter de pedir, fazendo assim a economia do luto, que permite que a perda sofrida pelo sujeito se consuma, se metabolize. Aquele que rouba não faz o luto, na realidade, substitui um objecto por outro (Kinable, 1990).

Estas condutas, perfeitamente explicáveis à luz da interpretação edipiana, assumem um carácter determinantemente simbólico e utilizam as estruturas sociais para se exprimirem (Lacan, 1950).

A delinquência desenvolve-se muitas vezes dentro de uma constelação familiar na qual o papel do pai e o papel da mãe variam. Normalmente a mãe apresenta demandas morais mais rígidas e faz com que se cumpram na prática. É a figura mais poderosa da casa, mais restritiva e manda mais do que a figura paterna. Mas enquanto ela fornece consistência, ordens e conforto físico dependente, dá menos gratificações emocionais do que o pai. Pai e criança sofrem um medo igual da desaprovação materna (Bettelheim & Sylvester, 1950).

Assim, perante um mundo interno mal organizado e pobre em imagos que promovam a identificação primária, as soluções para os conflitos internos são procuradas em modelos exteriores, despoletando destrutividade e violência (Matos, 2005).

A raiva e a agressão, advindas da uma *fúria narcísica* (Kohut, 1984), vão surgir de uma matriz narcísica arcaica, enraizada num *Eu* grandioso e num objecto onipotente. A raiva narcísica é entendida como uma reacção à não gratificação das necessidades de espelhamento e idealização (Kohut, 1996)

A desilusão primitiva, a não resposta ou a resposta objectal desadequada, advindas de pais narcísicos e desnarcisantes, abandonantes, ferem o *Eu* nuclear, deixam-lhe a marca indelével da violência, gerando mais tarde ciclos relacionais de ódio (Matos, 2005). A falha ao nível da relação objectal tornará o ego sem significado e impedi-lo-á de amar e estabelecer relações duradouras (Guntrip, 1969). De forma a evitar o vazio psicotizante, o sujeito vincula-se pelo ódio (Bion, 1959), comprometendo um crescimento emocional que evoluiria para a relação, para a construtividade e para o pensamento, em detrimento do não pensamento, do *acting* e da violência (Matos 2005).

Muitas concepções têm sido formuladas com o intuito de perceber as relações existentes entre apego, angústia e raiva. Existem concepções, nomeadamente, a Kleiniana (1970), que advogam a existência de comportamentos agressivos como expressão de um instinto de morte que pré-existe e almeja expressão no exterior. Por outro lado, autores como Fairbairn (1952) e Bowlby (1981) assentam no pressuposto de um componente agressivo como reacção à frustração, estando, assim, condicionado pelas experiências vividas pelo indivíduo.

As teorias psicanalíticas da agressividade dividem-se, então, essencialmente, em dois grupos, as que a consideram como uma parte inata da constituição do sujeito, um instinto, e as que a concebem enquanto fenómeno reactivo provocado na resposta do indivíduo à frustração. A principal diferença entre as duas vertentes, relaciona-se com a visão que cada uma tem acerca do instinto de morte, primeiramente postulado por Freud e depois adoptado e desenvolvido por Klein (Likierman, 1987).

De acordo com Kohut (1996), a formulação clássica das tendências agressivas é desadequada. Segundo o autor, a destrutividade do homem enquanto fenómeno psicológico é secundária, o que realmente deve ser relevado é a falha ao nível da relação *Eu-objecto*. A agressividade e a destrutividade das crianças não deve ser entendida como expressão de um instinto primário, mas sim, como um produto de regressão.

A agressividade serve *ab initio* como um constituinte de configurações psicológicas, apresentando um carácter rudimentar no início da vida. Nesta altura, permite que o bebé se torne assertivo, seguro, firme, que possa suportar um *Eu*



rudimentar, perante um objecto empático e responsivo. A agressividade, quando não destrutiva, é um constituinte das configurações não-destrutivas primárias, fazendo parte do processo de desenvolvimento (Kohut, 1996).

Se, contudo, esta fase de controlo necessário e apropriado, onipotente, sobre o *Eu-objecto* for crónica e traumáticamente frustrada na infância, então a raiva narcísica crónica, com todas estas consequências ficará estabelecida, servindo como resposta à frustração e mascarando uma dor mental intensa (Matos, 2005).

Winnicott (1984/2005) considera que, enquanto existe esperança, no que se refere às coisas internas, a vida instintiva está activa e o indivíduo pode usufruir dos impulsos instintivos, incluindo os agressivos, convertendo em bom, na vida real, o que era penoso na fantasia. Tudo o que a criança pode fazer é negar a propriedade de fantasias más ou então dramatizá-las.

A agressividade é assim encarada, quase sempre, como a dramatização da realidade interior que é má demais para ser tolerada como tal. Frequentemente implica um colapso da masturbação ou da exploração sensual, a qual, quando bem-sucedida, proporciona um vínculo entre a realidade exterior e interior, entre sensações corporais e fantasia. Tem-se verificado que há uma relação entre o abandono da masturbação e o início do comportamento anti-social, hipotetizando-se como causa a tentativa que a criança faz de levar uma realidade interna terrível demais a ser reconhecida em relação com a realidade externa. A masturbação e a dramatização constituem métodos alternativos, mas ambos falharão, necessariamente, quanto ao seu objectivo, porque o único elo verdadeiro é a relação da realidade interna com as experiências instintivas originais que a formam (Winnicott, 1984/2005).

De acordo com o modelo pulsional, uma excessiva frustração materna conduz a um grau insuficiente de vinculação e a um consequente desequilíbrio entre o narcisismo, a libido objectal e agressividade, levando diversos autores a considerá-la um dos factores mais preponderantes na etiopatogenia da delinquência (Singer, 1975; Coimbra de Matos, 2002).

A inexistência de satisfações substitutivas às pulsões recalcadas, assim como a falta de limites ou o excesso de satisfação, podem gerar violência ou actos de delinquência. A frustração oriunda de tendências pulsionais recalcadas faz com que o psiquismo procure outras formas de descarga de energia como é o caso dos comportamentos anti-sociais.

Lagache (1948) advoga que muitos delinquentes possuem um sentido mágico, instalando ou reforçando o sentimento primitivo de onnipotência. Perante a frustração exterior, o sujeito é levado para uma frustração profunda. O acumular da frustração, e o consequente reforço da tensão agressiva, provoca a flexão do sofrido equilíbrio, desencadeando tempestades no corpo ou no ecossistema. O comportamento violento advém da coalescência de um sentimento de impotência insuportável e de uma ferida narcísica marcada, resultante de um grau deficiente de gratificação, que impõe um regresso, constante, ao campo narcísico, independentemente do objecto libidinal disponível.

### *1.2.2 Espelho sem Reflexo*

De acordo com Kernberg (1995), o comportamento delinquente é catalisado por um transtorno narcísico da personalidade, responsável por um agravamento da auto-estima, e originando o narcisismo negativo onde predominam aspectos destrutivos sobre o próprio (Matos, 2005).

Rosenfeld (1971) distingue aspectos libidinais e aspectos destrutivos no narcisismo. A partir da teoria de Freud de fusão e desfusão dos instintos de vida e de morte, o autor cria o conceito de fusão patológica para mostrar que na mistura de impulsos libidinais e destrutivos, os impulsos destrutivos exacerbam-se ao contrário do que acontece nas fusões normais. Constando então que, quando os aspectos destrutivos predominam, a inveja é mais violenta e o desejo de destruir o objecto como fonte de vida é mais intenso. Nos estados de narcisismo destrutivo, as partes invejosas destrutivas do *Eu* desprendem-se do *Eu* libidinal que fica apagado, como se não existisse. Nestes estados há uma completa desfusão do instinto de morte, decorrente da idealização das partes destrutivas onnipotentes do *Eu* que procura triunfar sobre tudo o que possa representar dependência.

Na adolescência, sobretudo, quando o *Ego* é mais fraco devido a dificuldades de integrar energias libidinais e objectos exteriores que interioriza, o sujeito vive numa contradição entre um *Ideal do Ego* onnipotente e uma fraqueza do *Ego*. Nestes casos, o *Ideal do Ego* mascara o *Ego* deficiente procurando a resolução do conflito na acção e nos comportamentos violentos repetitivos. É necessário reiterar de cada vez a acção para continuar a mascarar a falha narcísica, a suprimir as suas faltas e as suas perdas infantis. A impulsividade narcísica que impregna a personalidade, não atende a fases de

desenvolvimento, dando origem a uma avidez primitiva e insegurança. Desta forma, justifica-se um irresistível impulso para agir com o intuito de aliviar toda a tensão acumulada (Matos, 2005).

Certos comportamentos delinquentes podem ser explicados por este mesmo fenómeno, como uma tentativa do sujeito se tornar idêntico ao seu *Ideal do Eu grandioso*. Para isto, ele procura reencontrar este elemento de grandeza numa transgressão espetacular, se possível, e, de preferência, feita sobre o olhar daqueles dos quais depende a imagem dele mesmo. Mas quando o desvio entre aquilo que gostaria de ser e o que sente ser é dolorosamente grande, emana uma grande angústia e risco de depressão e é por um acto de grande valor narcísico que será possível preencher este desvio. O sujeito age no sentido de salvar o seu narcisismo, para que os outros o reconheçam como coincidente com o seu *Ideal do Eu* (Kammerer, 1992).

A transgressão e a adesão ao grupo asseguram um suporte narcísico que o sujeito não pode encontrar noutros lugares (Mohammed, 2007). Permite-lhe um sentimento imenso de posse, por oposição a um sentimento de forte desvalorização e ausência de suportes narcísicos (Kammerer, 1992). Brownfield e Thompson (1991) referem que entre membros de um *gang* existem poucas ou nenhuma relações de vinculação entre eles, manifestando baixos níveis de confiança e de respeito pelos amigos. Os jovens parecem juntar-se aos *gangs* por carecerem das competências sociais necessárias para estabelecer relacionamentos sociais próximos. Diversos estudos apontam a ligação a pares desviantes como um dos principais desencadeantes do comportamento delinvente (Claes *et al.*, 2005), mas contudo esta influência parece ser, fortemente afectada por factores de ordem familiar, designadamente pela vinculação aos progenitores (Vitaro, Brendgen, & Trembleay, 2000).

Privado dos actos delinquentes, o sujeito corre um forte risco de se deprimir, de psicotizar ou mesmo de se suicidar (Choquet, 1998; Weisner, 2003; Weisner & Kim, 2006). O crime surge como uma dramatização do extremo desespero, que conduz ao alívio da *angústia de desintegração* (Kohut, 1996), correspondente a um deficit primário de narcisação, que é compensado por tentativas sempre falhas.

### 1.2.3 *Catarse Criativa*

O termo *acting out* apareceu pela primeira vez no texto de Freud (1914/1987) *Recordar, Repetir e Elaborar*. Aqui Freud defini-o no contexto do *setting* analítico,

como forma de aliviar/viver experiências emocionais reprimidas através da experiência transferencial com o analista (A. Freud, 1968).

A agitação psicomotora e o *acting* são descritos, usualmente, como formas de evitar o *luto* e a *melancolia*, e daí resultarem muitas vezes comportamentos de risco. O *acting* acontece numa atitude projectiva, de esvaziamento e de dispersão, e aquilo que poderia reverter a favor do pensamento reflexivo é projectado. Procedendo assim, o sujeito alivia a ansiedade ou a dor depressiva mas, ao mesmo tempo, priva-se dos elementos indispensáveis à compreensão daquilo que o impele ao comportamento (Matos, 2005).

Foi Melanie Klein (1970) quem assinalou (desenvolvendo as ideias de Freud) que é a elaboração do impulso destrutivo no mundo interior da criança que se converte, finalmente, no desejo de reparar, de construir, de assumir a responsabilidade. Quando essa elaboração não é feita, devido à ausência de um objecto *suficientemente bom* (Winnicott) e contentor ocorre fixação à *posição esquizo-paranóide* (Klein, 1946), onde se manifestam mecanismos primitivos de alívio do sofrimento psíquico, como é o caso da *projectão*. Este conceito tem variado na sua utilização desde Freud. Primeiramente considerado como tendência para buscar coisas externas, evoluiu para um mecanismo de defesa, contra um derivado pulsional específico, dirigido no sentido de um objecto. Representa assim, a necessidade de atribuir ao mundo externo aspectos desagradáveis da experiência, pelo evacuar egóico dos seus próprios impulsos sádicos (Klein, 1946; Sandler & Perlow, 1989).

O. Fenichel (1945) refere o *acting out* como uma acção que alivia a tensão interna e traz uma descarga parcial dos impulsos pelos quais se sente envolvido. O autor destaca que o *acting out* é geralmente uma acção organizada e não um simples pensamento, movimento, gesto ou expressão mímica isolada. Na sua óptica, o agir vai estar sempre associado a fixações orais e dificuldades do sujeito em lidar com frustrações. De acordo com o autor, é possível formular algumas pré-condições para o *acting out*, nomeadamente disposição autoplástica, fixações à oralidade, intensa necessidade narcísica, intolerância à frustração e traumas primitivos.

P. Greenacre (1952) vai concordar com as ideias de Otto Fenichel, mas vai acrescentar outros dois factores: ênfase na sensibilidade visual, que produz uma tendência à dramatização, e uma crença inconsciente na magia da acção.

Na teoria de Bion (1956), e dando continuidade às ideias de Klein, é destacado o carácter anti-depressivo do agir, reforçando a dificuldade do sujeito em atingir a posição depressiva, e uma consequente dificuldade no uso do pensamento verbal.

W. R. Bion (1962/1991) utilizando o conceito de *função-alfa*, considera que é esta a responsável pela transformação de impressões sensoriais e emocionais em *elementos alfa*, que são disponibilizados para os pensamentos oníricos, para o pensamento inconsciente de vigília e para o pensar consciente. Quando há uma falha na função, e isto acontece quando há incapacidade primária ou secundária para tolerar a frustração, as experiências tornam-se *elementos beta*, isto é, as impressões emocionais que o indivíduo capta e as emoções são sentidas como coisas e não como fenómenos. Desta forma, estes elementos são evacuados através da *identificação projectiva* e do *acting out* e não do pensamento. O sujeito age com o intuito de expressar fantasias e experiências pré-verbais primitivas.

Assim para Bion, o *acting* é uma defesa contra a ansiedade, mas também, uma forma de descarga e de alívio de tensão.

H. A. Rosenfeld (1965) utilizando os conceitos de Klein (1952), considera que a forma do *acting out* vai depender do modo como o sujeito se afastou do objecto primitivo, *o seio*. Se o afastamento aconteceu de forma agressiva e abrupta, acompanhado de ansiedades paranóides, haverá uma menor tolerância à frustração e uma fixação à *posição esquizo-paranóide*. Para Rosenfeld (1989) o *acting out* é uma tentativa violenta, expulsiva e evacuativa, com vista à reestruturação. O sujeito vivencia algo como uma recuperação de equilíbrio precário entre as partes neuróticas e psicóticas, *homeostase*.

Para P. Blos (1978) o *acting* não é apenas uma forma de descarga de necessidades instintivas, mas um mecanismo organizado onde o sujeito tenta dominar activamente experiências primitivas vividas de maneira passiva.

Segundo Gaddinni (1982) o *acting out* tende a não considerar a realidade, sendo uma forma de pensamento mágico e onnipotente. Representa uma forma de funcionamento mental primitivo, onde o sujeito tende a manter-se imutável, lutando contra o desenvolvimento, a integração e o reconhecimento da própria autonomia.

J. Chaussegut-Smirgel (1988) concebe o *acting out* como uma fantasia agressiva, que almeja a recuperação do corpo materno, livre de obstáculos. Advoga a existência de um desejo primário de redescobrir o universo sem obstáculos, sem asperidades nem diferenças, totalmente liso, identificado a um ventre materno livre dos

seus conteúdos, um interior ao qual se pode ter acesso livre. Trata-se na realidade de reencontrar, a nível do pensamento, um funcionamento mental sem entraves, com uma energia psíquica a circular livremente. O pai, o pénis, representam a realidade, devendo ser destruídos afim de que seja recuperado o modo de funcionamento mental próprio do *princípio do prazer*.

D. Winnicott (1967/1996) considera o acto anti-social como um grito desesperado, uma forma de esperança, na tentativa de poder usufruir do objecto primordial, da sua confiabilidade, da sua segurança e auto-confiança, através das quais poderia manifestar a sua destrutividade. Por intermédio da conduta delinquente, do agir, é como se a criança estivesse a compelir a sociedade a retroceder com ela à época primordial e a testemunhar as suas grandes perdas. O autor prevê na conduta anti-social duas direcções e motivações básicas que podem não ser mutuamente exclusivas – furto e destrutividade. Na motivação para o furto considera a procura obsessiva e insaciável, compélida pela compulsão libidinal, do objecto primordial. Na destrutividade, por outro lado, há uma procura dos limites, do controlo externo e da continência dos próprios impulsos. *A criança antisocial está simplesmente a olhar um pouco mais longe, recorrendo à sociedade, em vez de recorrer à família ou à escola para lhe fornecer a estabilidade de que necessita com o intuito de transpor os primeiros e essenciais estágios de seu crescimento emocional* (Winnicott, 1984/2005).

#### *1.2.4 Não Penso Logo...*

O carácter primitivo e desintegrativo do agir é associado a disfunções egóicas que conduzem a capacidades mínimas de sublimação e fantasia, interferindo com o pensamento e desenvolvimento do discurso (Kanzler, 1957).

Perante uma situação de conflito, o sujeito delinquente tem tendência para mudar, para manipular a realidade, de forma a que esta sucumba a si mesmo, em vez de ele mesmo se ajustar à realidade, ou seja, há um funcionamento aloplástico defensivo (Ferenczi, 1913/1992), em detrimento de um funcionamento autoplástico (Eissler, 1949; Greenacre, 1952). Na sua forma aloplástica de agir e de lidar com o conflito, o sujeito delinquente evidencia um contacto precário com a realidade, isto porque, esta resulta e decorre das redes simbólicas e imaginárias que lança sobre o real. O desenvolvimento falho do teste de realidade e os consequentes deficits cognitivos, traduzem-se em

falhas no discurso e no pensamento verbalizado, que forçam a acção (Greenacre, 1950; Frainberg, 1963).

De acordo com Winnicott (1984/2005), o sujeito delinquente não brincou, não sonhou nem imaginou, assim não simbolizou, não havendo a ligação e o distanciamento entre a ideia e a coisa em si mesma. Há assim um pensamento doloroso, não suportado pelo objecto que, na impossibilidade de ser pensado e na tentativa de evitar a dor mental, impele à acção (Aisenstein & Smadja, 2001; Matos, 2005).

A fragilidade e a imaturidade intelectual verificadas, bem como a inadaptação social decorrem do insucesso da vivência edípica, constituindo esta uma das fases cruciais no desenvolvimento infantil. O mais importante resultado da fase edípica é a consolidação do superego através de um processo de intelectualização e de dessexualização (Freud, 1923/1962; Klein, Heimann, Isaacs & Riviere, 1952; Baranger, 1971; Ruben, 1990).

Gilbert Diatkine (1983) demonstrou que o conflito edípico acompanhado de carências afectivas graves, traduz-se num superego severo e arcaico e numa culpabilidade inutilizável pela consciência do sujeito. Tais circunstâncias favorecem o aparecimento de um sentimento de desvalorização e um narcisismo fraco, clivado entre uma representação de um *Eu* desvalorizado e de um *Ideal do Eu* grandioso e compensatório. De facto, o sujeito encontra-se numa contradição em que a realidade exterior lhe parece insuportável com um *Ideal do Eu* patologicamente exagerado, grandioso, e um *Eu* profundamente desvalorizado, inferiorizado, carregado de culpabilidade. Esta decalage entre aquilo que ele aspira ser de acordo com o *Ideal do eu* e aquilo que ele sente ser é- lhe profundamente insuportável.

M. Klein relaciona a precocidade e severidade do superego, advogando uma estreita relação entre a destrutividade e a adaptação precoce da criança ao objecto, ao mundo, ao meio que, sob muitos aspectos, é predominantemente hostil.

O *Superego* do delinquente propõe ao *Eu* um ideal de prazer, incitando-o a violar os interditos, e colocando-o ao serviço da pulsão de morte. Um acto delinquente é frequentemente ditado por um *Superego* inexorável, não consciente, que não corresponde a uma lei simbólica do inconsciente, uma vez que as leis, violentas e insensíveis, que transmite, reflectem a satisfação imediata de desejos e pulsões, de forma menos sublimada. Este Superego tirano comanda, e o *Eu* obedece, mesmo que esta obediência provoque perda e destruição (Kammerer, 1992).

Assim sendo, e embora usualmente descrita como tricotómica, a personalidade dos delinquentes apresenta uma malformação lacunar do *Supereu* (Alvim, 1957).

Uma insaciável pulsão sem restrições suficientes, impele o ego a gratificar-se pela via aloplastica. Escravizado pelo *Id*, o *Ego* actua contra a realidade e contra o *Superego* (Singer, 1975).

Segundo Lebovici (1976), a falha identitária que se reflecte no binómio *Super-Eu/Ideal do Eu*, manifestar-se-à no comportamento do individuo delinquente, preconizando a exaltação de ideais megalómanos que se manifestam nas percepções, aspirações e irrealidades que os sujeitos mantêm de si próprios, não só quanto ao passado e presente, como também quanto ao futuro, gerando as *doenças da idealidade* (Luquet, 1973) que resultam na referida impossibilidade de ultrapassar o movimento edipiano.

A manifesta relação distorcida com a realidade poderá significar tendências heterossexuais, homossexuais ou perversões. Deve, contudo, salientar-se o facto de estas não corresponderem a um amor verdadeiro, mas sim, a um prolongamento que gratifica o sujeito delinquente anaclítico. Desta forma, os diversos objectos são utilizadas apenas pelo prazer e com o intuito de manter o equilíbrio narcísico do sujeito. O objecto é sugado, mas o sujeito mantêm-se pobre, vazio e ávido (Eissler, 1949; Matos, 2005). Poder-se-à dizer que não há um objecto constante para agressão como há para a libido (A. Freud, 1972).

Certamente, actos delinquentes podem ser classificados total ou parcialmente como perversões ou fetichismos, verificando-se uma ligação muito próxima entre perversões sexuais e o comportamento delinquente. Normalmente, as perversões são definidas como actos que se repetem, variando pouco ao nível do padrão e do contexto. Com as perversões a fixação normalmente diz respeito a uma actividade e não a um objecto. São padrões fixos, marcados por linhas rígidas, acontecendo o mesmo com o delinquir que apresenta a mesma rigidez e inflexibilidade do padrão (Schmideberg, 1956). Contudo, deverá salientar-se que o perverso não conhece o horror do incesto, para ele a interdição é menos absoluta, devido à introjecção defeituosa do pénis paterno, núcleo do *Superego*, sendo esta que confere ao sujeito uma identidade sexual afirmada a qual, precisamente, falta ao perverso.



### 1.2.5 De imenso Amor, de Esperança louca

O fenómeno delinquente tem subjacente uma inafectividade primordodial, uma ausência de modelos de identificação e uma organização deficitária do *Superego*. Contudo, e apesar destas características comuns, diversos autores oscilam na localização da génese delinquente.

Alexander e Staub (1929), Reik (1932), e Aichorn (1964), assumindo a sua ortodoxia na teoria Freudiana, outorgam ao neuroticismo do fenómeno delinquente, causado por uma vivência lacunar do *Complexo de Édipo*. Nesta óptica, o sujeito age na tentativa de resolver e aliviar o conflito psíquico. Contudo, não o faz com indiferença nem perfeição, tendo o objectivo último de auto-punição.

Adler numa perspectiva menos extremista anui à grande relevância do ambiente social no desenvolvimento do psiquismo do sujeito. O complexo de inferioridade ocupa um lugar central na teoria do autor, levando-o a conceber um delinquente complexado, inferiorizado, neurótico que delinqui como mecanismo supra compensatório.

Existem porém autores que conceptualizam diversos tipos de delinquência associada a diferentes níveis de funcionamento e desenvolvimento (Levy, 1932; Sterba, 1949; Pothast, 1956; Van Evra and Rosenberg, 1963; Friedlander, 1947, Bird, 1979; Weiner, 1982; Coimbra de Matos, 1987;).

Coimbra de Matos (1986) distingue *delinquência neurótica* e *delinquência borderline*. De acordo com o autor o *delinquente neurótico* manifesta um comportamento inibido, advindo de uma constante repressão do desejo pessoal. Os desejos genuínos são impedidos de se expressar, pela acção automática de um superego rígido, severo e inibitório. Assim, na impossibilidade de se expressar livremente e vítima de repetidas frustrações, o sujeito envolto numa sensação de tensão, mal-estar e irritação, sente-se obrigado a sair periodicamente através de descargas agressivas. O recurso ao delito acontece, assim, por saturação de uma vida controlada e inibida. Há aqui uma razão maior do que o comportamento auto-punitivo alegado pela tradição freudiana, associado a um estado neurótico grave, de depressão profunda.

Levy (1932), Freud (1940/1964), Sterba (1949), Bird (1979) consideram a preponderância da necessidade de possuir a representação simbólica. Desta forma, o roubo simboliza a possibilidade de ter mais do que os outros, proporcionando uma experiência temporária de *enchimento*, a posseção engradecedora do pénis. Tal conduz a uma sensação de superioridade triunfante, conferindo um sentimento de protecção que

se opõe ao sentimento de fracasso, inferioridade, castração e morte. Constitui uma forma muito individualizada e pessoal de comunicar necessidades, uma vez que não é encontrada outra forma de interagir com o ambiente, sendo sintomática de preocupações adjacentes (Weisner, 1982).

Por outro lado, o *delinquente borderline* apresenta uma falha básica (Balint, 1968), situando-se ao nível pré-edipiano. Aqui, o *Eu* encontra-se clivado numa imagem grandiosa e noutra diminuta, recalcada, projectando-se inversamente no objecto, ele mesmo clivado em imagem denegrida e idealizada. E à estrutura binária da personalidade – impulso/contra-impulso – corresponde uma relação dual alternante (amor-ódio). Na génese deste tipo de delinquência encontramos distorções relacionais precoces prestadas por objectos abandonantes (Coimbra de Matos, 1986).

Segundo Kerneberg (1970; 1975), sujeitos com organização *borderline* da personalidade apresentam mudanças de humor extremas, conflitos mútuos e contraditórios, sendo evidente a dificuldade nas relações interpessoais. Estas crianças são insistentemente percebidas como más, sendo depósitos dos maus sentimentos dos pais que nelas são projectados. A criança pode ser vista como um objecto inanimado, uma coisa, um brinquedo, uma parte projectada, órgão dos pais, ou mesmo como a figura paterna das quais os pais foram privados. De facto, a mãe destas crianças utiliza-as como uma forma de gerar um sentimento de complemento, de forma a sentir-se completa, aliviando o seu sentimento de vazio (Carter, 1977).

Segundo Masterson e Rinsley (1975), a relação que as mães dos *borderline* mantêm com as crianças demonstra o seu persistente reforço do comportamento passivo, regressivo e dependente da criança, com o intuito de a manter junto de si. Por sua vez, a criança sente-se em união com ela e sente-se bem a confirmar as expectativas que a mãe tem dela, com prejuízo para o seu crescimento como indivíduo e do seu sentido de realidade. Sempre que a criança se tenta expandir e alargar o seu reportório individual, no sentido de avançar para a *separação-individuação*, ela retira a sua disponibilidade libidinal e rejeita-o. Tal facto conduz a que criança se sinta abandonada, má, frustrada e com raiva.

Masterson (1972), Blos (1965) e Tyrode & Bourcet (2002) consideram que os factores essenciais da patologia da delinquência são a fixação oral narcísica e uma depressão abandonica, características do sujeito *borderline*. Considera-se que o paciente limite fica preso na fase que Mahler (1979/1982) designou de *separação-individuação*, sendo que a principal causa da fixação do paciente *borderline* é o retrocesso à

disponibilidade libidinal da mãe, durante a reaproximação da subfase de *separação-individuação*. A mãe que sofre desta síndrome, só fica disponível se a criança se unir a ela e agir regressivamente.

A falha no *processo de separação – individuação* deve-se à inabilidade da mãe (numa fase muito precoce) em proporcionar uma adequada gratificação e experiências de segurança ao nível do corpo da criança (Orbach, 1986). Para que este processo ocorra é necessário uma mãe que encoraje o distanciamento do filho, mas que esteja disponível para o seu regresso, conferido uma sensação narcísica ilusória que auto-suficiência, crucial nesta fase (Fleming, 1983). De acordo com Mahler (1979/1982) o processo saudável de *separação – individuação* ocorre inicialmente em dois aspectos: na independência intrapsíquica e no sucesso no afastamento físico da mãe.

Mahler (1981) considera a agressividade como uma das formas de distanciamento dos pais, e de manutenção da identidade individual. A autora considera o processo de separação – individuação como *a prova eloquente, o paradigma, do uso construtivo da agressividade no desenvolvimento* p.626.

O que se verifica no sujeito limite é, então, uma retenção nesta fase, que o leva a projectar a agressividade para objectos exteriores.

Como resulta do exposto, as formas mais neuróticas de acting out, diferenciam-se da forma mais primitiva, de descarga directa, do impulso de agir sem a mediação do efeito modulador do *Ego* e do *Superego*, associada a um funcionamento limite. Traduzindo assim, diferentes níveis de organização, baixa ou alta, de personalidade e de desenvolvimento.

## **CAPÍTULO 2: OBJETIVOS E HIPÓTESES**

---

Apresentar-se-ão seguidamente, os objectivos e as hipóteses desenhadas no âmbito da presente investigação, cujo intuito central é perceber o tipo de funcionamento mental subjacente ao fenómeno delincente.

**Objectivo Geral 1:** Caracterizar o *processo de separação - individuação* nos adolescentes com o diagnóstico de delinquência, internados em Centros Educativos, através dos resultados obtidos no *Separation-Individuation Test of Adolescence (SITA)*.

Para este objectivo foi colocada a seguinte hipótese:

*Hipótese 1:* Nos sujeitos da nossa amostra o diagnóstico de delinquência será mais consentâneo com valores acima da média nas escalas que o instrumento avalia.

**Objectivo Geral 2:** Analisar o *processo de separação-individuação* em função de variáveis familiares, nomeadamente o *tipo de família e pais vivem juntos ou separados*.

Para este objectivo foram colocadas as seguintes hipóteses:

*Hipótese 2:* O processo de resolução problemática da *separação – individuação* será mais frequente nas famílias monoparentais.

*Hipótese 3:* O processo de resolução problemática da *separação – individuação* será mais frequente nos adolescentes cujos pais estariam separados.

**Objectivo Geral 3:** Analisar o *processo de separação-individuação* em função de variáveis anamnésicas, nomeadamente *ter ou não sido amamentado e com quem viveu até aos 6 anos*.

Para este objectivo foram colocadas as seguintes hipóteses:

*Hipótese 4:* O processo de resolução problemática da *separação – individuação* será mais frequente nos adolescentes que não foram amamentados.

*Hipótese 5:* O processo de resolução problemática da *separação – individuação* será mais frequente nos adolescentes que não viveram com a família nuclear nos primeiros 6 anos de vida.

***Objectivo Geral 4:*** Analisar o *processo de separação-individuação* em função de variáveis do contexto institucional, nomeadamente *motivo do internamento, Medida Tutelar Educativa Aplicada* e *já havia cometido delitos anteriores*.

Para este objectivo foi colocada a seguinte hipótese:

*Hipótese 6:* O processo de resolução problemática da *separação – individuação* será mais frequente nos adolescentes que *cometeram mais do que um crime*.

## **CAPÍTULO 3: MÉTODO**

---

### 3.1 Participantes

Nesta investigação, estabelecemos os seguintes critérios para a inclusão de sujeitos na amostra:

- Jovens do sexo masculino;
- Diagnóstico de delinquência;
- Internados em Centros Educativos pertencentes à Direcção Geral de Reinserção Social, sujeitos à Lei Tutelar Educativa (ver Anexo 6).

A determinação das características acima apresentadas permitiu garantir a semelhança dos membros do grupo no que de relevante existia para o objectivo da investigação e para a constituição da amostra. Além das condições supracitadas, mais nenhuma foi considerada para a selecção dos sujeitos do grupo experimental.

A recolha da amostra decorreu em dois Centros Educativos, que estão sob a tutela da Direcção Geral de Reinserção Social - Centro Educativo Padre António Oliveira (n = 19) e Centro Educativo da Bela Vista (n = 11). Ambos situados no distrito de Lisboa, recebem adolescentes de todo o país. O objectivo destes centros é receber jovens aos quais tenha sido aplicada a Lei Tutelar Educativa, que visa *a educação do menor para o direito e a sua inserção, de forma digna e responsável, na vida em comunidade» (art. 2º da LTE). A sua competência material restringe-se às situações de jovens que entre os 12 e os 16 anos tenham praticado um facto qualificado pela lei como crime, sendo igualmente necessário que no momento de aplicação da medida persista a necessidade de correcção da personalidade do menor, o que na prática se traduz pela avaliação da sua necessidade de educação para o direito. De acordo com o art.17º da LTE, o internamento visa proporcionar ao menor, por via do afastamento temporário do seu meio habitual e da utilização de programas e métodos pedagógicos, a interiorização de valores conformes ao direito e a aquisição de recursos que lhe permitam, no futuro, conduzir a sua vida de modo social e juridicamente responsável (Diário da Republica Nº 215 – 1ª Série- A).*

Por norma, os Centros Educativos funcionam de acordo com três regimes, consoante a LTE aplicada – Regime Fechado, Regime Semi-aberto e Regime Aberto. Contudo, o Centro Educativo Padre António Oliveira, apenas funciona em Regime



Fechado, contendo jovens que incorreram em ilícitos mais graves. Por outro lado, o Centro Educativo da Bela Vista funciona, primordialmente, em regime Semi-aberto e Aberto.

### 3.1.1 Caracterização Sócio-Demográfica da Amostra

Participaram neste estudo 30 adolescentes com diagnóstico de delinquência. A média de idades dos adolescentes que constituem a amostra é 15.93 anos (DP = 1.11), com uma idade mínima de 14 anos e uma idade máxima de 18 anos.

#### Quadro 1

Média, Desvio Padrão, Mínimos e Máximos das Idades do Grupo Experimental

Idade	
Média	15.93
Desvio Padrão	1.11
Mínimo	14
Máximo	18

No Quadro 2 encontram-se descritas as características sociodemográficas da amostra. Restabelecemos categorias para codificar as variáveis *Tipo de Família*, *Número de irmãos*, *Habilitações Literárias do Adolescente*, *Habilitações Literárias da Mãe*, *Profissão da Mãe*, *Habilitações Literárias do Pai* e *Profissão do Pai*.

Verifica-se uma sobrerepresentação da idade de 16 anos, correspondendo a 40% dos sujeitos da amostra. A percentagem de jovens de etnia caucasiana e africana divide-se igualmente (46.7%), verificando-se, ainda a existência de minorias étnicas, nomeadamente cigana (3.3%) e indiana (3.3%). A maior parte dos jovens, advém de uma família monoparental materna (50%), sendo que os restantes se dividem pela família nuclear (13.3%), família reconstituída (10%), família monoparental paterna (10%) e outra (16.7%). A grande maioria dos integrantes da amostra possui irmãos (93.3%), sendo que 53.3% dos jovens da amostra tem entre um e dois irmãos, 40.0% têm mais de dois irmãos e apenas 6.7% não tem nenhum irmão. Quanto às habilitações literárias dos adolescentes, 3.3% não frequentou a escola, 33.3% tem apenas o 4º ano do ensino básico, 33.3% tem o segundo ciclo do ensino básico, e 30.0% tem o 9º ano.

Em relação ao contexto familiar, a média de idades dos pais que constituem a amostra é de 44.40 (D.P. = 6.21), e a média de idades das mães é de 41.15 (D.P. = 6.21). No que respeita ao nível de escolaridade das mães (n = 25), é possível constatar que a grande maioria tem apenas o 4º ano do ensino básico (40%), 20% o sexto ano do ensino básico e 3.3% tem o 9º ano completo. Relativamente à profissão das mães (n = 28) dos sujeitos da amostra, e de acordo com a classificação nacional de profissões do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), 76.7% são trabalhadoras não qualificadas, 3.3% operadoras de instalações e máquinas e 13.3 % está desempregada. Ao nível da figura parental masculina, observa-se que 36.7% têm o 4º ano do ensino básico, 10% o sexto ano do ensino básico e 3.3% o 9º ano de escolaridade. Em 40% não foi fornecida nenhuma informação. Ao nível das profissões (n = 19), 10% dos pais estão desempregados, 46.7% são trabalhadores não qualificados e 6.7% operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem.

## Quadro 2

Características Sociodemográficas dos Participantes

<i>Características</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
<b>Idade (n=30)</b>		
14 anos	3	10.0
15 anos	7	23.3
16 anos	12	40.0
17 anos	5	16.7
18 anos	3	10.0
<b>Etnia (n=30)</b>		
Caucasiano	14	46.7
Africano	14	46.7
Indiano	1	3,3
Cigano	1	3.3
<b>Tipo de Família (n=30)</b>		
Nuclear	4	13.3
Reconstituída	3	10.0
Monoparental Materna	15	50.0
Monoparental Paterna	3	10.0
Outra	5	16.7

<i>Características</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
<b>Existência de Irmãos (n=30)</b>		
Sim	28	93.3
Não	2	6.7
<b>Número de Irmãos (n=30)</b>		
Filho Único	2	6.7
Família Normal	16	53.3
Família Alargada	12	40.0
<b>Habilitações Literárias</b>		
<b>(n=30)</b>		
Não frequentou a escola	1	3.3
4 anos	10	33.3
6 anos	10	33.3
9 anos	9	30.0
<b>Habilitações Literárias da Mãe</b>		
<b>(n=25)</b>		
Não frequentou a escola	6	20.0
4 anos	12	40.0
6 anos	6	20.0
9 anos	1	3.3
<b>Profissão da Mãe (n=28)</b>		
Desempregado	4	13.3
Trabalhador não qualificado	23	76.7
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	1	3.3
<b>Habilitações Literárias Pai</b>		
<b>(n=18)</b>		
Não frequentou a escola	3	10.0
4 anos	11	36.7
6 anos	3	10.0
9 anos	1	3.3
<b>Profissão do Pai (n=19)</b>		

Desempregado	3	10.0
Trabalhador não qualificado	14	46.7
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	2	6.7

### *3.1.2 Caracterização Anamnésica da Amostra*

Na maioria dos casos, a gravidez foi vigiada (70%), não tendo sido veiculada qualquer informação em 6.7% dos casos, verificando-se 70% de partos eutócicos, contra 23.3% de partos distócicos (n = 27). Nos casos em que se verificou a existência de comportamentos de risco (13.3%), os hábitos tabágicos dominam com 6.7%, seguindo-se o consumo de drogas (3.3%) e o consumo de álcool (3.3%). Relativamente ao período de amamentação (n = 28), observa-se que 83.3 % foi amamentado por peito, em média até aos 7.10 meses (D.P. = 7.55). 73.3% foi alimentado por biberon (n = 23), em média até aos 2.20 anos (D.P. = 0.70). No que respeita ao período de sono dos sujeitos, aquando da primeira infância, 6.7% registaram episódios de hipersónia (n = 27), 6.7% episódios de insónia (n = 26), 6.7% pesadelos frequentes (n = 28) e 3.3% terrores nocturnos (n = 28). Passando agora aos dados de desenvolvimento e começando pela idade em que os adolescentes adquiriram o controlo esfinteriano (n = 23), o período de aquisição deste controlo variou entre 1 ano e 4.5 anos, sendo a idade média de 2.39 (D.P. = 0.90). A idade de aquisição da marcha (n = 27) variou entre os 9 meses e os 36 meses, com uma idade média de 15 meses (D.P. = 5.60). Os adolescentes verbalizaram as primeiras palavras (n = 24) em média aos 27.25 meses (D.P. = 12.82), variando entre os 9 meses e os 60 meses.

### Quadro 3

#### Dados Anamnésicos dos Participantes

<i>Características</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
<b>Gravidez Viglada (n=28)</b>		
Sim	21	70.0
Não	7	23.3
<b>Tipo de Parto (n=27)</b>		
Eutócico	21	70.0
Distócico	6	20.0
<b>Existência de Comportamentos de Risco (n=26)</b>		
Sim	4	13.3
Não	22	73.3
<b>Tipos de Comportamentos de Risco (n=4)</b>		
Hábitos Tabágicos	2	6.7
Consumo de Droga	1	3.3
Consumo de Álcool	1	3.3
<b>Alimentação por peito (n=28)</b>		
Sim	25	83.3
Não	3	10.0
<b>Se sim, até que idade (n=20)</b>		
2 meses	5	16.7
3 meses	4	13.3
4 meses	2	6.7
5 meses	1	3.3
6 meses	3	10.0
8 meses	1	3.3
9 meses	1	3.3
24 meses	3	10.0
<b>Alimentação por Biberon (n=23)</b>		

Sim	22	73.3
Não	1	3.3
<b>Se sim, até que idade (n=17)</b>		
1 ano	1	3.3
1.5 ano	2	6.7
2 anos	9	30.0
2.5 anos	1	3.3
3 anos	3	10.0
4 anos	1	3.3
<b>Sono – Hipersónia (n=27)</b>		
Sim	2	6.7
Não	25	83.3
<b>Sono – Insónia (n=26)</b>		
Sim	2	6.7
Não	24	80.0
<b>Sono – Pesadelos</b>		
<b>Frequentes (n=28)</b>		
Sim	2	6.7
Não	26	86.7
<b>Sono – Terrores Nocturnos</b>		
<b>(n=28)</b>		
Sim	1	3.3
Não	27	90.0
<b>Controlo Esfincteriano</b>		
<b>(n=23)</b>		
1 ano	1	3.3
1.5 ano	5	16.7
2 anos	6	20.0
2.5 anos	4	13.3
3 anos	4	13.3
4 anos	2	6.7
4.5 anos	1	3.3
<b>Motricidade (n=27)</b>		
9 meses	3	10.0

11 meses	1	3.3
12 meses	5	16.7
13 meses	3	10.0
14 meses	6	20.0
15 meses	2	6.7
16 meses	1	3.3
18 meses	3	10.0
24 meses	2	6.7
36 meses	1	3.3
<b>Linguagem (n= 24)</b>		
9 meses	2	6.7
12 meses	2	6.7
18 meses	3	10.0
20 meses	1	3.3
24 meses	7	23.3
36 meses	5	16.7
40 meses	1	3.3
42 meses	1	3.3
48 meses	1	3.3
60 meses	1	3.3

#### Quadro 4

Médias e Desvios Padrão por Idades de Aquisição do Controlo Esfincteriano, da Motricidade e da Linguagem

	<b>Controlo Esfincteriano</b>	<b>Motricidade</b>	<b>Linguagem</b>
Média	2.39	15.00	27.25
Desvio Padrão	0.90	5.60	12.82

#### 3.1.3 Caracterização do Contexto Institucional da Amostra

Os dados relativos à caracterização do contexto institucional dos jovens participantes na amostra encontram-se descritos no quadro 5.

**Quadro 5****Contexto Institucional dos Participantes**

<i>Características</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
<b>Motivo do internamento no centro educativo (n = 30)</b>		
1 crime	12	40
Mais do que 1 crime	18	60
<b>Medida Tutelar Educativa aplicada (n = 30)</b>		
Regime Aberto	2	6.7
Regime Fechado	17	56.7
Regime Semi-Aberto	11	36.7
<b>O Adolescente já havia cometido delitos anteriores (n = 29)</b>		
Sim	14	46.7
Não	15	50.0
<b>O Adolescente já esteve internado noutra centro educativo (n = 30)</b>		
Sim	8	26.7
Não	22	73.3
<b>Se sim, qual o motivo</b>		
Transferência de centro	4	13.3
Crimes cometidos	3	10.0
<b>O Adolescente tem familiares em Centros Educativos (n = 29)</b>		
Sim	4	13.3
Não	25	83.3
<b>O Adolescente tem familiares com medidas judiciais (n = 27)</b>		
Sim	10	33.3



Não	17	56.7
<b>O Adolescente mantém contacto com os familiares (n = 30)</b>		
Sim	27	90.0
Não	3	10.0
<b>Se sim, com que frequência</b>		
Regular	18	60.0
Esporádica/pontual	5	16.7
Com períodos de abandono	4	13.3

Do exposto, observa-se que 40% dos sujeitos da amostra está internado pela prática de um único crime, enquanto 60% praticou um ou mais crimes. Constata-se, igualmente, que 56.7% dos adolescentes estão em regime fechado, 6.7% em regime aberto e 36.7% em regime semi-aberto. Aqui deverá salientar-se o facto de todos os jovens do Centro Educativo Padre António Oliveira (n = 19) estarem sob um regime fechado, sendo este um dos requisitos do referido centro. Percebe-se também, pela análise do Quadro 4, que 46.7% dos adolescentes havia já cometido delitos anteriores, enquanto 50% nunca havia incorrido em qualquer crime. Não se conhecendo informação em 3.3% dos casos. 26.7% dos jovens havia já estado noutro Centro Educativo, sendo que, apenas, 10% por crimes anteriores. 13.3% dos sujeitos tem familiares internados noutros Centros Educativos e 56.7% tem familiares com medidas judiciais. Por fim, é possível constatar que 90% destes adolescentes mantêm contacto com a família, sendo que 60% mantêm um contacto regular, 16.7% pontual e 13.3% com períodos de abandono.

### 3.2 Instrumentos de medida

Neste ponto apresentam-se os instrumentos utilizados para avaliar as dimensões em estudo. Para a avaliação da *Separação-Individuação* dos adolescentes foi utilizada a adaptação portuguesa do *Separation-Individuation Test of Adolescence* (SITA),

desenvolvido por Geada (1992) (ver Anexo 1). Complementarmente, construiu-se um questionário para a caracterização da população em estudo (ver Anexo 4). Neste procurou-se obter dados acerca dos adolescentes, nomeadamente no campo sócio-demográfico, anamnésico e institucional.

### *3.2.1 - Teste de Separação-Individuação na Adolescência (SITA)*

O teste de separação-individuação para a adolescência, SITA (Separation-Individuation Test of Adolescence) de Levine, Green e Millon (1986) baseia-se na perspectiva de Peter Blos (1967) – segundo processo de individuação na adolescência – de autonomização na adolescência, que assenta nas conceptualizações de Margaret Mahler (1968, 1975/1993).

No desenvolvimento do SITA Levine et al. (1986) tiveram em consideração conceitos dinâmicos do modelo de *separação-individuação* de Mahler (1968), em particular os pontos de fixação correspondentes ao desenvolvimento normal e às patologias. Os trabalhos de Blos (1967), Esman (1980), Erikson (1963) sobre adolescência serviram de complemento para a elaboração do instrumento.

O interesse de Levine et al. (1986) era desenvolver um instrumento de psicodiagnóstico que pudesse medir resoluções específicas das fases do processo de separação-individuação de Mahler.

Segundo McClanahan e Holmbeck (1992), Levine et al. (1986) desenvolveram o SITA para examinar as teorias desenvolvidas por Mahler e Blos. O seu desejo era construir um instrumento que medisse as resoluções das fases do processo de *separação-individuação*, e como elas se poderiam expressar noutros períodos do desenvolvimento.

O SITA é usado para medir as manifestações do processo de separação-individuação (Levine et al., 1986; Levine & Saintoge, 1993).

As respostas são dadas numa escala de Lickert de 5 pontos, desde *discordo totalmente* a *concordo totalmente*.

O instrumento é composto por 7 sub-escalas que operacionalizam as dimensões teóricas do processo de separação-individuação: 1- Ansiedade de Separação (AS); 2- Ansiedade de Destruição (AD); 3 – Negação da Dependência (ND); 4- Procura de Cuidados (PC); 5 – Necessidade de Simbiose (NS); 6- Narcisismo (N); 7- Individuação (IN) (ver Anexo 2).

A Sub-escala AS é composta por 8 itens, AD 8 itens, ND 13 itens, PC 7 itens, NC 10 itens, N 10 itens, IN 11 itens.

De acordo com Levine et al. (1986) as sub-escalas do SITA têm teoricamente as seguintes características:

*Ansiedade de Separação* – Descreve indivíduos com grandes receios de perda de contacto emocional com objectos significativos, expressos sob a forma de ansiedade face à expectativa ou percepção de abandono ou rejeição. Propõe-se a medir os efeitos residuais na adolescência da ansiedade de separação, vivida na fase de reaproximação da infância precoce.

*Ansiedade de Destruição* – Mede o receio de ser controlado/absorvido pelo outro, e o medo da perda de autonomia e independência. Propõe-se avaliar os efeitos residuais do medo de destruição do Eu, sentido na fase de reaproximação do processo de separação-individuação.

*Negação da Dependência* – Refere-se aos indivíduos que negam e/ou evitam as necessidades de dependência, como defesa contra a ansiedade de separação. Mede as manifestações deste estilo defensivo na adolescência, que Mahler já tinha encontrado na infância precoce.

*Procura de Cuidados* – Descreve os indivíduos com fortes necessidades de ligação às figuras parentais, que antecipam a gratificação dessas necessidades, ou que

associam sentimentos positivos a essa gratificação. Corresponde aos efeitos residuais da fase simbiótica de separação-individuação.

*Necessidade de Simbiose* - Mede uma fase do período de simbiose do processo de separação-individuação que está relacionada com a procura de relações interpessoais próximas e fusionais para gratificação da dependência. Propõe-se avaliar os efeitos residuais, na adolescência, da fase simbiótica do processo de separação individuação.

*Narcisismo* – Refere-se aos indivíduos que apresentam um alto grau de narcisismo, frequentemente reforçados pelo elogio e admiração dos outros. Pretende avaliar os efeitos residuais da fase de exercitação da infância.

*Individuação* – Refere-se aos indivíduos que fizeram progressos significativos na resolução dos conflitos associados ao processo de separação-individuação. Visa avaliar os efeitos residuais das vicissitudes da fase de consolidação da individuação na infância e sua revivência na adolescência.

O SITA foi construído segundo o modelo de Loevinger (1957) que compreende uma fase de validação teórica-substantiva, uma fase de validação estrutural interna e uma fase de validação por critério externo. A primeira fase avalia em que medida o conteúdo dos itens que constituem o instrumento deriva directa e claramente do quadro teórico postulado e desta forma o representa. A segunda fase obriga a que a relação entre os itens e as respectivas sub-escalas (consistência interna) esteja de acordo com a teoria na qual o instrumento se baseia. A terceira fase requer o uso de um critério empírico objectivo que apoie a validação teórica-substantiva.

Segundo Levine et al. (1986). Os objectivos metodológicos da validação foram conseguidos. Na primeira fase através de juízes (psicólogos clínicos) foram classificados os itens considerados teoricamente válidos para cada dimensão. Na segunda fase pela selecção dos itens tendo em conta a sua adequada correlação item/sub-escala. A terceira fase foi realizada com o Millon Adolescent Personality Inventory (MAPI) de Millon, para se verificar as correlações do SITA com o MAPI. Os resultados permitiram verificar que as correlações entre os dois instrumentos iam no sentido do teoricamente esperado.

Levine e Saintonge (1993) encontraram para as sub-escalas do SITA um alpha de Cronbach acima de .70 com excepção para a sub-escala de Ansiedade de Separação e Individuação com .68 e .64 respectivamente. No entanto Rice, Cole e Lapsley (1990), encontraram valores para o coeficiente alpha de Cronbach de .82 para a sub-escala de individuação e .71 para a sub-escala de Ansiedade de Separação.

Os coeficientes Alpha de Cronbach obtidos no presente estudo são igualmente superiores a .70, com excepção da subescala de Ansiedade de Destruição (.68) e Necessidade de Simbiose (.68).

Num estudo para testar o constructo de validade do SITA, McClanahan e Holmbeck (1992) verificaram que há sub-escalas que medem dimensões positivas adaptativas da *separação-individuação* e outras medem dimensões de má adaptação à separação individuação.

Tendo em conta a presente investigação considerou-se o SITA o instrumento adequado. Apesar do SITA ter sofrido alterações (Levine & Saintonge, 1993) optamos por usar a versão traduzida e adaptada para a população portuguesa por Geada (1992).

A versão portuguesa (Geada, 1992) sofreu algumas simplificações para atender à diversidade dos níveis sócio-culturais e para facilitar a resposta a sujeitos mais jovens. Ao contrário da versão original as respostas são dadas na mesma folha logo por baixo da pergunta/afirmação.

### *3.2.2 Ficha de Recolha de Informação*

A Ficha de Recolha de Informação, construída para o efeito e através da qual se pretende obter dados mais detalhados acerca dos participantes, de forma a conferir maior consistência aos resultados, foi adaptada da Ficha de Caracterização da Criança desenvolvida por Marques (2006). Está dividida nas seguintes partes: Identificação (e.g. Idade e data de Nascimento); Agregado Familiar (e.g. tipo de família, número de irmãos, informação acerca do pai e da mãe); Dados Anamnésicos (e.g. gravidez, comportamentos de risco, amamentação, sono, controlo esfinteriano, motricidade, linguagem); Situação Escolar (e.g. habilitações literárias, aproveitamento escolar); e

Contexto Institucional (e.g. motivo do internamento, medida tutelar educativa aplicada, adaptação do adolescente ao Centro Educativo, contactos com familiares). Foram, ainda, incluídas neste questionário algumas questões de resposta aberta (e.g. *aspectos relevantes acerca do adolescente*), com o objectivo de enriquecer e contextualizar os dados obtidos. Desta ficha constam questões de resposta Sim/Não, questões com escalas de resposta de 5 pontos e ainda questões de resposta aberta. Às questões com escalas de resposta de 5 pontos foi atribuído um valor de 1 a 5 de tal forma que uma pontuação mais elevada denota uma resposta mais desfavorável.

A ficha destina-se ao preenchimento pelas famílias, no que concerne aos dados de Identificação, anamnésicos e situação escolar, e pelos técnicos dos Centros Educativos, no que respeita ao contexto institucional.

### **3.3 Procedimento**

Após a determinação do tema de estudo em geral, procedeu-se à implementação de um racional metodológico que permitisse a elaboração e a concretização do projecto de investigação.

Num momento inicial foi feita uma recolha bibliográfica com o intuito de definir o tema a ser investigado no presente trabalho. Posteriormente, procedeu-se a um trabalho mais intenso, de enquadramento teórico e empírico acerca da temática da delinquência na adolescência. De seguida, e após a coesão das ideias pensadas e trabalhadas, foi possível a elaboração de hipóteses e a selecção e operacionalização das variáveis em estudo. Esta etapa culminou na construção da ficha de recolha de informação e na selecção do instrumento de medida, passível de avaliar a variável dependente e testar as variáveis formuladas.

Num segundo momento, passou-se ao trabalho de campo, que ficou marcado por uma extrema e extenuante burocracia, acompanhada pelo empenho e entusiasmo de alguns técnicos dos Centros Educativos, que contrastou com a passividade e pouca cooperação de outros. Para a realização do trabalho enviou-se uma carta à Direcção-Geral de Reinserção Social, que autorizou o pedido de investigação e o reencaminhou para os Centros Educativos já referidos (ver Anexo 5).

A recolha da amostra decorreu de Outubro de 2008 a Março de 2009. Primeiramente no Centro Educativo Padre António Oliveira, e posteriormente no Centro Educativo da Bela Vista. A Aplicação do instrumento foi feita directamente com os

jovens internados nos Centros, tendo sido fornecida uma sala onde era possível o contacto pessoal e individualizado com os jovens, para a aplicação do instrumento de medida (o período de aplicação era em média 20 minutos). No que respeita à recolha dos dados do questionário construído, estes foram preenchidos na totalidade, no Centro Educativo Padre António Oliveira, pelos técnicos da instituição, visto que não foi autorizada a consulta de processos, nem o contacto directo com os familiares dos adolescentes. Por outro lado, no Centro Educativo da Bela Vista os aspectos relacionados com o Agregado Familiar e Dados Anamnésicos foram recolhidos numa entrevista feita aos familiares dos jovens, sendo que em alguns dos casos aconteceu via telefone, enquanto que os dados relativos ao contexto institucional foram preenchidos pelos técnicos da instituição.

### 3.3 Procedimentos Estatísticos

Na concretização da análise dos resultados recorreu-se à estatística descritiva, nomeadamente à determinação da média, do desvio-padrão e dos valores mínimos e máximos, assim como ao cálculo de frequências e percentagens, de acordo com a natureza dos dados (variáveis quantitativas e qualitativas).

Para a comparação dos resultados obtidos nas subescalas do SITA e nas variáveis da ficha de recolha de informação utilizou-se o teste não-paramétrico *Wilcoxon Mann-Whitney*, para 2 amostras independentes. E recorreu-se, ainda ao teste não-paramétrico, *Kruskal-Wallis* para a comparação entre três grupos independentes (Maroco, 2003).

No âmbito do estudo da relação linear entre variáveis, utilizaram-se técnicas estatísticas que permitem a obtenção de uma medida do grau de correlação ou associação entre elas, designadamente o coeficiente de Spearman (*Spearman Rank-Order Correlation Coefficient*), com o intuito de correlacionar variáveis quantitativas e ordinais (Maroco, 2003).

Por último, mencione-se que se procedeu ao cálculo dos coeficientes *Alpha de Cronbach* com vista a determinar a consistência interna para cada um dos instrumentos utilizados, figurando os resultados respectivos no ponto relativo aos Instrumentos (3.2).

Os dados foram tratados no programa estatístico SPSS versão 16 (*Statistical Package for the Social Sciences*).

## **CAPÍTULO 4: RESULTADOS**

---



## 4.1 Estatística Analítica

### 4.1.1 Caracterização dos Resultados das Subescalas do SITA

Começa por se apresentar e explorar os resultados relativos às subescalas do Teste de Separação e Individuação na Adolescência (SITA). No Quadro 6 figuram as médias, os desvios-padrão e os valores mínimos e máximos obtidos para cada uma das subescalas.

**Quadro 6**

Médias, Desvios-Padrão, Mínimos e Máximos das Sub-escalas do SITA

<i>Sub-escalas</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>
<b>Ansiedade de Separação</b>	29.54	8.30	16.25	47.50
<b>Ansiedade de Destruição</b>	27.50	6.77	16.25	40.00
<b>Negação da Dependência</b>	27.05	6.50	17.69	45.38
<b>Procura de Cuidados</b>	35.38	8.65	11.43	50.00
<b>Necessidade de Simbiose</b>	33.53	6.06	22.00	50.00
<b>Narcisismo</b>	31.30	6.79	19.00	45.00
<b>Individuação</b>	34.78	6.59	17.27	48.18

*Nota:* N=30

De acordo com a leitura do Quadro 5, é possível verificar que no SITA, as médias das 7 subescalas são elevadas, uma vez que a pontuação de cada item pode variar entre 1 e 5 (Escala de Lickert), o que significa que quanto mais elevados são os *scores* mais presentes estão os aspectos inerentes a cada subescala (a partir deste valor máximo -5- e mínimo -1- calcularam-se médias teóricas para cada subescala).

Os resultados sugerem um padrão de *separação-individuação* falho e deficitário nos sujeitos objecto da investigação.

No que respeita à subescala de Ansiedade de Separação estamos perante um valor acima da média ( $M=16$ ), sugerindo uma angústia de perda do objecto, um medo

de ser rejeitado e abandonado, que possivelmente representará resíduos da deficiente vivência desta etapa aquando da infância. Coerentemente, a Ansiedade de Destruição apresenta, igualmente, um valor acima da média ( $M=16$ ) que poderá traduzir o medo de ser absorvido pelo outro e a perda da individualidade do sujeito. O valor médio da subescala Negação da Dependência situa-se ligeiramente acima da média ( $M=26$ ), expressando uma tendência de ressentimento e negação de dependência e de suporte emocional, de alguém que se esforça por uma autonomização, encontrando dificuldade no desinvestimento das figuras parentais e na consequente procura de um novo objecto substituto. A subescala Procura de Cuidados apresenta um valor bastante acima da média ( $M=14$ ), sugerindo uma excessiva dependência afectiva das figuras de referência, advinda de uma *separação-individação* não concretizada. Relativamente à Necessidade de Simbiose, mais uma vez, constatamos um valor acima da média esperada ( $M=20$ ), que vai no sentido da busca de uma relação fusional e simbiótica, não resolvida na infância. Quanto ao Narcisismo apresenta um valor médio de 31.30, novamente acima da média esperada ( $M=20$ ), resultando possivelmente de uma tentativa de engrandecimento e de preenchimento por parte dos sujeitos, num cenário de figuras pouco afectivas e contentoras. Por fim, o valor da subescala de Individação apresenta, igualmente, um valor acima da média, que contrasta com os valores anteriores que traduzem uma acentuada avidez de amor e afecto. Deste modo, poderá ser interpretado com um mecanismo de negação dos sujeitos, numa tentativa de fuga para a frente e de libertação do *objecto abandonante*.

#### *4.1.2 Caracterização das Subescalas do SITA em Função de Variáveis Tipo de Família*

Aqui, proceder-se-á à comparação das subescalas do SITA nos *diferentes tipos de família*. Foram constituídos cinco grupos: o grupo de sujeitos que vive com a família nuclear; o grupo de sujeitos que vive com família reconstituída; o grupo que vive com família monoparental materna; o grupo que vive com família monoparental paterna; e um quinto grupo que foi designado como outra (e.g. sozinho, namorada). Utilizou-se um teste, não-paramétrico, devido à reduzida dimensão dos grupos- Teste de Kruskal-Wallis, para a comparação entre cinco grupos independentes. Os respectivos resultados figuram no Quadro 7.

### Quadro 7

Comparação das Subescalas do SITA com a Variável Tipo de Família  
(Teste de Kruskal Wallis para 5 Amostras Independentes)

<i>Subescalas</i>	<i>Medianas</i>					<i>Médias das Ordens</i>					$\chi^2$
	FN	FR	MM	MP	O	FN	FR	MM	MP	O	
<b>Ansiedade de Separação</b>	26.87	37.50	28.75	25.00	25.00	14.50	21.83	16.13	11.67	12.90	2.70
<b>Ansiedade de Destruição</b>	26.87	38.75	28.75	27.50	20.00	14.88	23.67	16.53	14.83	8.40	6.10
<b>Negação da Dependência</b>	27.69	23.07	30.00	26.92	18.46	17.50	9.67	18.07	16.00	9.40	5.23
<b>Procura de Cuidados</b>	35.71	34.28	38.57	38.57	27.14	16.88	13.17	17.50	15.00	10.10	2.99
<b>Necessidade de Simbiose</b>	36.50	33.00	35.00	29.00	27.00	21.25	13.67	16.97	10.67	10.50	4.82
<b>Narcisismo</b>	27.00	32.00	33.00	28.00	29.00	12.00	18.50	17.40	12.67	12.50	2.58
<b>Individuação</b>	36.81	36.36	36.36	29.09	30.90	19.62	17.67	17.37	11.17	7.90	6.21

*Nota:* FN- Família Nuclear; FR- Família Reconstituída; MM- Família Monoparental Materna; MP- Família Monoparental Paterna; O- Outra

$N_{FN} = 4$ ;  $n_{FR} = 3$ ;  $n_{MM} = 15$ ;  $n_{MP} = 3$ ;  $n_O = 5$

Não se obtiveram diferenças estatisticamente significativas quando comparadas as diferentes subescalas do SITA com os diferentes tipos de família. No entanto, e no que respeita à média das ordens, é possível perceber que na subescala de Ansiedade de Separação a media das ordens mais elevada (FR = 21.83) regista-se no grupo que está integrado numa família reconstituída, bem como na subescala de Ansiedade de Destruição (FR = 23.67) e no Narcisismo (FR = 18.50) . Nas subescalas de Negação da Dependência (MM = 18.07) e Procura de Cuidados (MM = 17.50) os valores mais elevados encontram-se no grupo pertencente a uma família monoparental materna. Nas subescalas de Necessidade de Simbiose (FN = 21.25) e Individuação (FN = 19.32) as médias das ordens mais altas encontram-se nos sistemas familiares nucleares.

Passar-se-á agora à análise dos resultados advindos da comparação entre a variável *pais vivem juntos* e as subescalas do SITA. Dada a dimensão reduzida dos grupos, utilizou-se de novo um teste não-paramétrico, Teste Mann-Whitney para a comparação de dois grupos (amostras independentes). No Quadro 8 figuram os resultados decorrentes desta comparação.

## Quadro 8

Comparação das Subescalas do SITA com a Variável Pais Vivem Juntos ou Separados (Teste U = Mann-Whitney)

<i>Subescalas</i>	<i>Medianas</i>		<i>Médias das Ordens</i>		<i>Z</i>	<i>U</i>
	S	N	S	N		
<b>Ansiedade de Separação</b>	28.75	26.25	14.50	15.65	-0.24	48.00
<b>Ansiedade de Destruição</b>	26.25	28.75	14.88	15.60	-0.15	49.50
<b>Negação da Dependência</b>	26.15	26.92	17.50	15.19	-0.15	44.00
<b>Procura de Cuidados</b>	38.57	34.28	16.88	15.29	-0.33	46.50
<b>Necessidade de Simbiose</b>	34.00	35.00	21.25	14.62	-1.41	29.00
<b>Narcisismo</b>	32.00	31.00	12.00	16.04	-0.56	38.00
<b>Individuação</b>	34.54	34.54	14.87	19.62	-1.80	35.50

Nota: S=Sim, N = Não

n<sub>sim</sub> = 4 , n<sub>não</sub> = 26

Da comparação dos dois grupos não sobressai nenhuma diferença estatisticamente significativa, no entanto, será interessante notar que as médias das ordens são superiores no grupo em que os pais não vivem juntos, no que respeita às subescalas de Ansiedade de Separação (S=14.50 e N=15.65), Ansiedade de Destruição (S=14.88 e N=15.60), Narcisismo (S=12 e N=16.04) e Individuação (S=14.87 e N=19.62). Por outro lado, nas subescalas de Negação da Dependência (S=17.50 e N=15.19), Procura de Cuidados (S=16.88 e N=15.29) e Necessidade de Simbiose (S=21.25 e N=14.62) as médias das ordens são superiores no grupo de sujeitos em que os pais vivem juntos.

### 4.1.3 Caracterização das Subescalas do SITA em Função de Variáveis Anamnésicas

De seguida, proceder-se-á à análise das diferentes subescalas do SITA em função da variável *amamentação*, comparando-as com o grupo de sujeitos que foi amamentado e com o grupo que não foi amamentado. Utilizou-se o teste de Mann-Whitney para duas amostras independentes. No Quadro 9 apresentam-se os resultados obtidos, bem como, as respectivas medianas e médias das ordens.

### Quadro 9

Comparação das Subescalas do SITA com a Variável Amamentação (Teste U = Mann-Whitney)

<i>Subescalas</i>	<i>Medianas</i>		<i>Médias das Ordens</i>		<i>Z</i>	<i>U</i>
	S	N	S	N		
<b>Ansiedade de Separação</b>	28.75	25.00	14.66	13.17	-0.29	35.50
<b>Ansiedade de Destruição</b>	26.25	32.50	13.68	21.33	-1.52	17.00
<b>Negação da Dependência</b>	26.92	18.46	7.83	15.30	-1.48	17.50
<b>Procura de Cuidados</b>	37.14	40.00	15.33	14.40	-0.18	35.00
<b>Necessidade de Simbiose</b>	34.00	36.00	13.80	20.33	-1.30	20.00
<b>Narcisismo</b>	28.00	32.00	14.80	12.00	-0.55	30.00
<b>Individuação</b>	40.90	34.54	13.94	19.17	-1.04	23.50

Nota: S=Sim, N = Não

n<sub>sim</sub> = 25 , n<sub>não</sub> = 3

Não se obtiveram diferenças significativas para qualquer das variáveis. Quer isto dizer que de acordo com os dados verificados, não se registam diferenças entre o grupo dos participantes que foi amamentado e o grupo que não foi amamentado, em relação às subescalas do SITA. Será, aqui, de salientar a ausência de informação em 6.7% da amostra (Quadro 2).

No que se refere à variável *com quem viveu até aos 6 anos* foram constituídos 4 grupos: o grupo que vive, apenas com o pai; o grupo que vive, apenas com a mãe; o grupo que vive com a família nuclear (pai e mãe); e o grupo que vive com membros da família alargada (e.g. avós, tios). Recorreu-se ao teste Kruskal-Wallis para a comparação entre quatro grupos independentes. No quadro 10 apresenta-se os resultados obtidos com esta comparação.

## Quadro 10

Comparação das Subescalas do SITA com a Variável Com Quem Viveu até aos 6 anos  
(Teste de Kruskal Wallis para 4 Amostras Independentes)

<i>Subescalas</i>	<i>Medianas</i>				<i>Médias das Ordens</i>				$\chi^2$ *
	VP	VM	FN	FA	VP	VM	FN	FA	
<b>Ansiedade de Separação</b>	26.62	33.75	26.87	23.75	11.62	16.41	13.50	8.00	2.57
<b>Ansiedade de Destruição</b>	24.37	28.75	27.50	30.62	11.88	15.05	12.95	17.75	1.10
<b>Negação da Dependência</b>	25.38	28.46	26.92	24.23	12.50	15.91	13.30	10.00	1.37
<b>Procura de Cuidados</b>	39.28	37.14	38.57	35.00	14.00	13.73	14.65	12.25	0.17
<b>Necessidade de Simbiose</b>	32.00	34.00	34.00	36.00	11.50	15.45	12.40	19.00	1.99
<b>Narcisismo</b>	33.50	35.00	30.00	25.00	16.12	16.50	12.05	5.75	5.75
<b>Individuação</b>	36.36	36.36	32.72	35.90	14.75	16.00	11.45	14.25	1.77

*Nota:* VP- Grupo que vive com o pai; VM- Grupo que vive com a mãe; FN- Grupo que vive com família nuclear; FA- Grupo que vive com família alargada

$N_{VP} = 4$ ;  $n_{VM} = 11$ ;  $n_{FN} = 10$ ;  $n_{FA} = 2$

Não se regista qualquer diferença significativa entre a variável *com quem viveu até aos 6 anos* e as subescalas do SITA. No entanto, poder-se-á referir que, quanto à média das ordens, constatamos que relativamente à Ansiedade de Separação, apresenta o valor mais elevado no grupo dos sujeitos que até aos 6 anos viveu, apenas, com a mãe (VM = 16.41). O resultado mais elevado no que respeita à Ansiedade de Destruição verifica-se no grupo de sujeitos que viveu até aos 6 anos com a família alargada (FA = 17.75). No que concerne, à Negação da Dependência a média das ordens mais elevada regista-se no grupo que viveu com a mãe (VM = 15.91). Na Procura de Cuidados encontramos resultados mais elevados no grupo que viveu com o pai (VP = 14.00). Na subescala de Necessidade de Simbiose os resultados mais elevados manifestam-se no grupo que viveu com a família alargada (FA = 19.00). Ao nível do Narcisismo a média das ordens mais elevada regista-se no grupo que viveu com a mãe (VM = 16.50). Por fim, no que respeita à Individuação, o valor mais alto é observado no grupo que viveu com a mãe (VM = 16.00).

### 4.1.4 Caracterização das Subescalas do Sita em Função de Variáveis do Contexto Institucional

Em seguida, apresentam-se as comparações entre as subescalas do SITA e algumas variáveis referentes ao Contexto Institucional dos sujeitos da amostra.

Efectuou-se a comparação entre a variável *motivo do internamento* e as subescalas do SITA. Para tal, foram constituídos dois grupos: o dos sujeitos que alegadamente cometeram um crime; e outro composto pelos sujeitos que alegadamente cometeram mais do que um crime. Utilizou-se, novamente, o teste de Mann-Whitney para amostras independentes, cujos resultados se podem observar no Quadro 11.

#### Quadro 11

Comparação das Subescalas do SITA com a Variável Motivo do Internamento (Teste U = Mann-Whitney)

<i>Subescalas</i>	<i>Medianas</i>		<i>Ordem das Médias</i>		<i>Z</i>	<i>U</i>
	1	2	1	2		
<b>Ansiedade de Separação</b>	28.12	28.12	16.83	14.61	-0.67	92.00
<b>Ansiedade de Destruição</b>	25.62	28.75	14.42	16.22	-0.55	95.00
<b>Negação da Dependência</b>	25.38	28.84	14.12	16.42	-0.70	91.50
<b>Procura de Cuidados</b>	36.42	37.14	16.21	15.03	-0.36	99.50
<b>Necessidade de Simbiose</b>	34.00	34.50	15.33	15.61	-0.08	106.00
<b>Narcisismo</b>	30.50	31.50	15.08	15.78	-0.21	103.00
<b>Individuação</b>	34.54	34.54	15.83	15.28	-0.17	104.00

*Nota:* 1= Grupo que cometeu 1 crime, 2 = Grupo que cometeu mais do que 1 crime

$n_1 = 12$  ,  $n_2 = 18$

Não se constata diferenças significativas entre os dois grupos. Contudo, ao explorarmos os valores das médias das ordens, verificamos que Ansiedade de Separação (1=16.83 e 2=14.61), a Procura de Cuidados (1=16.21 e 2=15.03) e a Individuação (1=15.83 e 2=15.28) apresentam valores superiores no grupo de sujeitos que cometeram um crime, enquanto que a Ansiedade de Destruição (1=14.42 e 2=16.22), a Negação da Dependência (1=14.12 e 2=16.42), Necessidade de Simbiose (1=15.33 e 2=15.61) e o Narcisismo (1=15.08 e 2=15.78) apresentam resultados mais elevados no grupo que cometeu mais do que um crime.

De seguida, procede-se à comparação entre a variável *Medida Tutelar Educativa aplicada* com as subescalas do SITA. Aqui, formaram-se três grupos: grupo dos sujeitos que estão em regime aberto; grupo dos sujeitos que estão em regime fechado; e grupo dos sujeitos que estão em regime semi-aberto. Para comparar estas 3 amostras

independentes utilizou-se o Teste de Kruskal-Wallis. No quadro 12 figuram os resultados obtidos com esta comparação.

### Quadro 12

Comparação das Subescalas do SITA com a Medida Tutelar Educativa Aplicada (Teste de Kruskall Wallis para 3 Amostras Independentes)

<i>Subescalas</i>	<i>Medianas</i>			<i>Média das Ordens</i>			$\chi^2$
	RA	RF	RSA	RA	RF	RSA	
<b>Ansiedade de Separação</b>	25.00	32.50	25.00	10.75	17.94	12.59	3.10
<b>Ansiedade de Destruição</b>	20.00	28.75	25.00	5.75	18.59	12.50	5.84
<b>Negação da Dependência</b>	23.07	28.46	26.15	10.25	16.79	14.45	1.23
<b>Procura de Cuidados</b>	35.71	37.14	37.14	15.75	15.50	15.45	0.00
<b>Necessidade de Simbiose</b>	31.00	35.00	35.00	9.75	17.03	14.18	1.63
<b>Narcisismo</b>	25.00	32.00	31.00	6.75	17.97	13.27	4.03
<b>Individuação</b>	29.54	36.36	30.90	8.75	17.85	13.09	3.22

*Nota:* RA- Regime Aberto; RF- Regime Fechado; RSA- Regime Semi-aberto  
 $n_{RA} = 2$ ;  $n_{RF} = 17$ ;  $n_{RSA} = 11$

Embora se constate que nenhuma das comparações efectuadas é estatisticamente significativa, é interessante relevar que as médias das ordens das subescalas apresentam valores mais elevados no grupo que se encontra em regime fechado, com excepção da subescala de Procura de Cuidados.

Por fim, realizamos a comparação entre a variável *já havia cometido delitos anteriores* e as subescalas do SITA, para tal, e mais uma vez devido à reduzida dimensão da amostra, usou-se o teste de Mann-Whitney para amostras independentes. No Quadro 13 constam os respectivos resultados.



### Quadro 13

Comparação das Subescalas do SITA com a Variável Já Havia Cometido Delitos Anteriores  
(Teste U = Mann-Whitney)

<i>Subescalas</i>	<i>Medianas</i>		<i>Médias das Ordens</i>		<i>Z</i>	<i>U</i>
	S	N	S	N		
<b>Ansiedade de Separação</b>	33.12	25.00	17.89	12.30	-1.77	64.50
<b>Ansiedade de Destruição</b>	30.62	25.00	19.14	11.13	-2.53	47.00
<b>Negação da Dependência</b>	28.84	23.84	16.61	13.50	-0.98	82.50
<b>Procura de Cuidados</b>	36.42	38.57	14.61	15.37	-0.24	99.50
<b>Necessidade de Simbiose</b>	34.50	35.00	16.68	13.43	-1.03	81.50
<b>Narcisismo</b>	32.50	29.00	18.00	12.20	-1.83	63.00
<b>Individuação</b>	35.90	34.54	16.21	13.87	-0.74	88.00

Nota: S=Sim, N = Não

$n_{\text{sim}}=14$  ,  $n_{\text{não}}=15$   
 $p<.05$

Da comparação dos grupos sobressai a significância estatística que se verifica no que respeita à subescala de Ansiedade de Destruição (M-W  $Z=-2.64$ ,  $p=0.01$ ). Será também de relevar os valores, muito próximos do nível de significância, da subescala de Ansiedade de Separação (M-W  $Z=-1.77$ ,  $p=0.07$ ) e do Narcisismo (M-W  $Z=-1.83$ ,  $p=0.07$ ), embora não significativos estatisticamente. Quanto à média das ordens, constatamos que todas as subescalas apresentam um valor superior no grupo dos sujeitos que já havia cometido delitos anteriores, com exceção da subescala de Procura de Cuidados.

#### 4.2 Relação entre as Subescalas do SITA

Em seguida apresentam-se as correlações entre as sete subescalas que compõem o SITA, instrumento utilizado na presente investigação.

No quadro 14 estão expostos os resultados obtidos.

**Quadro 14**

Matriz de Correlações das Sub-escalas do SITA

<i>Subescalas do SITA</i>							
	<b>Ansiedade de Separação</b>	<b>Ansiedade de Destruição</b>	<b>Negação da Dependência</b>	<b>Procura de Cuidados</b>	<b>Necessidade de Simbiose</b>	<b>Narcisismo</b>	<b>Individuação</b>
<b>Ansiedade de Separação</b>	_____	0.37*	0.31*	0.47**	0.53**	0.58**	0.37*
<b>Ansiedade de Destruição</b>		_____	0.40*	n.s.	0.40*	0.39*	0.37*
<b>Negação da Dependência</b>			_____	n.s.	n.s.	0.49 **	0.37*
<b>Procura de Cuidados</b>				_____	0.54**	0.34*	0.33*
<b>Necessidade de Simbiose</b>					_____	0.43**	0.54**
<b>Narcisismo</b>						_____	0.56**
<b>Individuação</b>							_____

\*  $p \leq .05$ ; \*\* $p \leq .01$ 

Pela leitura do Quadro 14, verificamos que existem correlações significativas e positivas entre a grande maioria das subescalas do SITA, com exceção da correlação entre a Ansiedade de Destruição e a Procura de Cuidados, e da Negação da Dependência com a Procura de Cuidados e com a Necessidade de Simbiose (não estatisticamente significativas). Será interessante notar que as correlações de magnitude mais elevada verificam-se entre a Ansiedade de Separação e o Narcisismo, o Narcisismo e a Individuação, a Necessidade de Simbiose e a Individuação, a Procura de Cuidados e a Necessidade de Simbiose, a Ansiedade de Separação e a Necessidade de Simbiose.

## **CAPÍTULO 5: DISCUSSÃO E CONCLUSÃO**

---

## 5.1 Discussão

*A concha*

A minha casa é concha. Como os bichos  
Segreguei-a de mim com paciência:  
Fechada de marés, a sonhos e a lixos,  
O horto e os muros só areia e ausência.

O orgulho carregado de inocência  
Se às vezes dá uma varanda, vence-a  
O sal que os santos esboroou nos nichos.

E telhados de vidro, e escadarias  
Frágeis, cobertas de hera, oh bronze falso!  
Lareira aberta pelo vento, as salas frias.

A minha casa... Mas é outra a história:  
Sou eu ao vento e à chuva, aqui descalço,  
Sentado numa pedra de memória.

*Vitorino Nemésio*

Estes *reis-escravos* para os quais *a morte e a vida têm um significado muito diferente do que tem para nós*, estão fixos à *concha fria e ausente*, expostos à *chuva e ao vento*, desenhando um caminho de *bronze falso*.

Considerando o carácter poliédrico da delinquência, será legítimo afirmar, de acordo com os resultados obtidos, que uma das faces desta constelação psicopatológica corresponde a uma vivência problemática e não conseguida da *separação-individuação*, apontando para corroboração da primeira hipótese por nós colocada. É nos sugerido que, tal como Mahler (1979/1982) havia referido, as mães dos delinquentes dificultam a passagem do processo de *separação-individuação* pela tentativa de controlo e oposição sobre a vontade da criança impedindo que esta se possa diferenciar, normalmente, conduzindo a uma resposta de oposicionismo extremo e a um consequente transtorno evolutivo.

Quando olhamos para os resultados verificamos um elevado nível de Ansiedade de Separação que traduzirá o grande receio de perda de contacto emocional com o objecto significativo. Tal advirá do grande sentimento de solidão e vazio, decorrente da inexistência de objectos internos, suficientemente bons e estáveis, conducente a uma forte dependência da presença e funcionalidade do objecto externo actual (Matos, 2000). O pressentimento de separação/abandono do mesmo é gerador de *angústia de separação*, devido à *equação simbólica* (Segal, 1970) que equivale o objecto interno insuficiente ao objecto externo.

No que respeita aos valores que traduzem o medo da fragmentação, da absorção, da perda de autonomia e independência – Ansiedade de Destruição – constatamos uma elevada *angústia de fragmentação* resultante da teia que emaranha a representação do *Eu* e a representação do objecto. Esta relação simbiótica e fusional faz com que o medo de perder o objecto seja sentido como uma perda da continuidade do *Eu* (Coimbra de Matos, 1994), despoletando sentimentos e angustias desorganizadoras de aniquilamento e morte, decorrentes do confronto com o abismo do vazio, insuportavelmente, sentido. Segundo Nevjinsky (1996), as imagos maternas fálicas, devoradoras, e mesmo fragmentáveis, geram uma angústia de desmembramento e fragmentação que apontam para uma não separação entre a mãe e filho adolescente.

Coerentemente, com os altos índices supra referidos, a Negação da Dependência, aqui manifesta, reflectirá a defensividade frágil e imatura de sujeitos que tentam negar o anaclitismo e a dependência extrema ao objecto, mostrando, igualmente, a ambivalência entre a procura de um objecto substituto e a dificuldade no desinvestimento das figuras parentais.

No que concerne à Procura de Cuidados, a avidez afectiva dos adolescentes é inequívoca. O objecto não é, aqui, contendor, nutritivo e afectuoso, mas inconstante, *coisificante* e frágil (Coimbra de Matos, 2002), levando ao predomínio de elementos  $\beta$  (Bion, 1963/1966), em detrimento de elementos  $\alpha$ , pensados e elaborados. Há assim nestes sujeitos, uma forte dependência e avidez afectiva face às figuras parentais que indiciam falhas no *processo de separação-individuação* do adolescente.

Relativamente à Necessidade de Simbiose, confirma-se o carácter ancoradouro da não resolução da *fase simbiótica do processo de separação-individuação* (Mahler, 1979/1982). A insuficiência do *anobjecto* do delinquente, causa uma dependência simbiotizante, que compromete as tarefas desenvolvimentistas, de alcance da *pós-ambivalência*, que levam à constância objectal, à capacidade de regulação da distância emocional face ao objecto, à diferenciação entre *Eu* e objecto e ao crescimento psíquico autónomo do sujeito. Ancorado a esta etapa, o adolescente não desenvolve a capacidade de *desamar* as figuras parentais e substitui-las por outros objectos de relação que auxiliam na construção da individualidade e autonomia (Coimbra de Matos, 2002). Comprometida a resolução da fase simbiótica, precocemente, o jovem fica impedido de usar a adolescência como segundo momento para a resolução do *processo de separação-individuação*.

Na linha das fragilidades e ausências referidas, constatamos na presente investigação, adolescentes que, tais como a mulher que Picasso pintou, *Grand nu au fauteuil rouge*, gritam angustiados perante um espelho que nada de si reflecte. Este vazio avassalador sentindo é *negado* através de um Narcisismo engrandecedor e defensivo. Evidenciando sinais de uma falha ao nível da confirmação narcísica primária (Kohut, 1984) que leva à dependência do olhar do outro utilizando, muitas vezes, defesas grandiosas que visam a protecção de um forte sentimento de desvalorização. É de salientar, que estes sentimentos estão muitas vezes na base de uma *raiva narcísica* (Kohut, 1984), provocando comportamentos agressivos contra os outros e contra o próprio.

Por fim, no que respeita à Individuação, e tendo em conta os resultados manifestados nas outras subescalas, que apresentam suporte na literatura, será de considerar os resultados elevados nesta subescala, como afectados por fenómenos de negação e de tentativa de fuga para a frente e desligamento das figuras de vinculação. Poderemos afirmar que a desvinculação prematura destes adolescentes, decorrente de um possível crescimento precoce e de uma atitude rejeitante e abandonica por parte dos pais, conduz a uma ambivalência entre o desejo de individuação e de afastamento do objecto, mas, simultaneamente, a uma ânsia de simbiose e de perda do objecto primário.

Globalmente, estes resultados parecem apontar para uma uniformização do funcionamento mental, adjacente ao fenómeno delinvente. Os resultados obtidos sugerem a delinquência como uma patologia da ligação primária, evidenciando deficiências estruturais nos constituintes do mundo psíquico, bem como, uma tendência para internalizar imagens parentais negativas, associá-las a sentimentos negativos e projectá-las para o mundo externo de maneira concreta. Este quadro legitima a colocação da patologia do agir numa linha de funcionamento Borderline que, na ausência de canais sublimatórios desenvolvidos, rege-se por mecanismos primários que contemplam a identificação projectiva, a negação, a onipotência e a desvalorização (Kernberg, 1975). Tal afirmação vai no sentido de diversos estudos realizados (Van Dann, Janssens e Debruyne, 2005; Tyrode, Y. Bourcet, 2002) que advogam a personalidade Borderline como a mais potenciadora da adopção de comportamentos delinquentes e agressivos. Nos dados encontrados, sobressai uma ansiedade pré-depressiva, pré-edipiana, que potenciará o ataque à realidade e ao externo. Os dados evidenciam ansiedades e medos aquém da *posição depressiva*, aquém da *triangulação*,

e do conflito *Superego/Eu*. Registam-se medos primários, arcaicos, relacionados com o período de relação dual, que nos levam a considerar a possibilidade de integração da delinquência num funcionamento mental Limite.

Estes resultados afastam-se da *delinquência neurótica* (Reik 1932; Aichorn 1964; Weiner, 1982; Alexander e Staub, 1929) mais consentânea com o conflito e com o medo de perda do afecto do objecto. Dos resultados obtidos há uma exacerbação da Ansiedade de Separação, da Ansiedade de Destruição, da Procura de Cuidados e de um Narcisismo Dependente, que se opõem a aspectos mais maduros como a Angústia de Castração, a Dependência Madura, e o Narcisismo Autónomo, inerentes a uma linha neurótica, mais elaborada e adaptativa.

Contudo, é preponderante considerar dois aspectos que se verificaram na presente investigação. Primeiramente, a reduzida dimensão da amostra (n=30), que não traduz a representatividade necessária à consideração segura, do funcionamento, exclusivamente Limite do fenómeno delinquente. Revela-se também importante relevar, que 19 dos participantes da investigação encontravam-se sob o Regime Fechado do Centro Educativo Padre António Oliveira, que recebe jovens cujos delitos são considerados de maior gravidade, podendo tal fenómeno traduzir uma necessidade destes adolescentes de agir, sucessivamente, para sobreviver tornando-os mais próximos da personalidade Borderline.

De forma a poder complementar as informações acima explanadas, foi construída uma *ficha de recolha de informação* cujos dados obtidos foram igualmente analisados e comparados com os do instrumento utilizado, SITA.

Da comparação obtida entre as dimensões avaliadas no SITA e o *tipo de família*, apesar de não se verificar significância estatística, será interessante analisar alguns aspectos observados. Primeiramente, é no caso das famílias reconstituídas que figuram os valores mais elevados de Ansiedade de Separação, Ansiedade de Destruição e Narcisismo. Poder-se-á interpretar tal facto, como resultante da instabilidade e da inconstância que poderá estar associada à reconstituição/reconstrução de uma família. A Ansiedade de Separação elevada poderá advir de um novo receio de perder também estes elementos, tal como aconteceu da primeira vez. Por sua vez, a Ansiedade de Destruição poderá ser interpretada como o medo de ser absorvido e fragmentado nesta *obra de reconstrução*, obrigando a uma necessidade de afirmação e imposição narcísica.

É também interessante notar os valores elevados da Procura de Cuidados nas famílias monoparentais maternas que poderão sublinhar a falha de afectividade e *continência* dos objectos destes adolescentes que, ao mesmo tempo, tentam negar a extrema dependência. Ao nível das famílias nucleares, verifica-se uma Necessidade de Simbiose elevada que contrasta com um valor de Individação, igualmente, alto. Poderemos interpretar tal fenómeno, como uma Individação forçada sem sustentação psíquica, uma falsa autonomia, uma obrigação à Individação precoce, pela rejeição e abandono. Mesmo tendo pai e mãe carecem de simbiose e sentem que foram enviados para uma Individação precoce. Tal facto, desmonta bastante a crença *de que vai tudo bem com pai e mãe* e exacerba a preponderância da qualidade das relações e dos afectos. Diversos estudos têm vindo a comprovar a importância do ambiente familiar na travessia da adolescência, advogando que quando tal não acontece poderão ocorrer actos de violência e delinquência (Loeber & Farrington, 2000; Cousineau, 2007). Estes resultados não vão no sentido da hipótese colocada (hipótese 2), que previa uma maior incidência da problemática resolução do *processo de separação-individação* nas famílias monoparentais.

Da comparação entre a variável *pais vivem juntos* e as sete dimensões do SITA, sobressaem os valores elevados nas subescalas de Procura de Cuidados e Necessidade de Simbiose no grupo cujos pais vivem juntos. Mais uma vez, aqui presente a questão da qualidade relacional. Muitas vezes, *o casal* não significa desenvolvimento, nem uma boa e adaptativa relação simbiótica de crescimento psíquico. Em alguns casos, a existência de uma única figura *suficientemente boa* e promotora de *holding e handling*, poderá ser mais benéfica do que a existência de um sistema clássico doente afectivamente. Contudo, e não obstante, a situação ideal é a existência de figuras de vinculação e referência promotoras de afecto e complementares, *mãe e pai* (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002). Os resultados parecem apoiar a hipótese colocada (hipótese 3), contudo sugerem também problemáticas relacionais nas famílias cujos pais vivem juntos.

No que concerne à comparação das subescalas do *Teste de Separação-Individação* com dados anamnésicos, os resultados obtidos vão no sentido das hipóteses colocadas (hipótese 4 e hipótese 5). Apesar de mais uma vez não se verificar significância estatística, há aspectos que merecem ser desmontados e estudados.



Na comparação com a variável *amamentação* será interessante verificar os valores elevados de Necessidade de Simbiose e Individuação no grupo de participantes que não foi amamentado. Sabe-se que a amamentação permite introduzir o bebé no mundo em pequenas doses, concedendo-lhe a oportunidade para a ilusão onipotente de que o seio faz parte dele e se encontra sob o seu controlo mágico. Em virtude das inúmeras experiências do bebé com o seio, este torna-se capaz de *aluciná-lo* no momento em que este lhe é oferecido pela mãe. Tal processo conduz a inúmeras impressões sensoriais relativas à amamentação e ao encontro com o objecto e, no decorrer do tempo, à confiança de que o objecto está disponível, aumentando gradualmente, a capacidade de tolerar a sua ausência (Winnicott, 1994). Daqui decorre, que a lacuna desta, privilegiada forma de relação, conjuntamente com outros factores, poderá levar a uma falha na relação dual inicial e adaptativa, simbiótica e fusional, originando Necessidade de Simbiose, que coalesce com uma Individuação forçada e imposta.

Da comparação das áreas avaliadas pelo SITA com a variável *com quem viveu até aos 6 anos*, destaca-se a Ansiedade de Separação elevada no grupo que viveu, apenas, com mãe e o valor elevado da Ansiedade de Destruição e da Necessidade de Simbiose no grupo que esteve integrado numa família alargada. O primeiro aspecto, poderá ser interpretado como um, ainda maior, medo de perda, advindo do facto de só ter um dos pais. Isto é, a existência de duas figuras de vinculação e relação privilegiada fornece uma maior segurança, em oposição a um avassalador e fragmentável medo de perda do único objecto disponível. O segundo ponto referido é passível de indicar a dispersão do *Eu* que espelha a dispersão de uma família alargada, onde a simbiose adaptativa e a qualidade relacional são muitas vezes difíceis de atingir.

Nas comparações obtidas entre as subescalas do SITA e os dados relativos ao contexto institucional os resultados apontam para a confirmação da hipótese 6. Aqui, será interessante relevar os aspectos seguidamente expostos.

Da comparação entre o *motivo do internamento* e as sete dimensões avaliadas, destacam-se valores mais elevados no grupo que cometeu mais do que um crime, no que respeita às subescalas de Necessidade de Simbiose e Narcisismo, não havendo, contudo, significância estatística. Aqui, torna-se interessante constatar o valor elevado do Narcisismo neste grupo, que poderá ser olhado no sentido de uma necessidade vital de reiterar a acção para continuar a mascarar a falha narcísica e a suprimir perdas e faltas

da infância (Matos, 2005). A impulsividade narcísica constituinte do adolescente delinquente tinge toda a sua personalidade de forma ávida e insegura, conduzindo à única catarse possível, *o acting*. Deverá também ser relevada a Necessidade de Simbiose deste grupo que poderá ser interpretada pela dependência do agir, trazendo sucessivos objectos externos que, embora, temporariamente, preenchem algum do vazio psíquico do sujeito.

Ao utilizar, na comparação, a variável *Medida Tutelar Educativa aplicada*, verificamos que todas as subescalas, com excepção da Procura de Cuidados, apresentam valores mais elevados no grupo que se encontra sujeito a um Regime Fechado. Efectivamente, estes valores são mais consentâneos com este tipo de medida. Nomeadamente, a Ansiedade de Separação que se traduz, agora, no afastamento concreto do objecto, a Ansiedade de Destruição, que transparece a angústia de fragmentação e de aglutinação por parte deste novo sistema, onde o adolescente está inserido, e o Narcisismo que demonstra *a dependência do olhar dos outros* e a necessidade de se impor e de se afirmar perante estes. É também interessante notar o valor da Necessidade de Simbiose que poderá significar uma ânsia de ligação a este novo continente, objecto de relação - *o centro educativo* - que poderá ser a fábrica de transformação de *elementos  $\beta$*  em *elementos  $\alpha$* .

Por fim, da comparação entre as subescalas do SITA e variável *já havia cometido delitos anteriores* destaca-se que a Ansiedade de Separação, a Ansiedade de Destruição, a Negação da Dependência, a Necessidade de Simbiose, o Narcisismo e a Individuação, apresentam valores mais elevados no grupo que já havia cometido delitos anteriormente. Sendo que, o valor da Ansiedade de Destruição apresenta significância estatística e os valores da Ansiedade de Separação e do Narcisismo estão muito próximos da significância. Este quadro deverá ser interpretado no sentido do que se tem vindo a referir, de índices associados ao *processo de separação-individuação* falhos, que não permitem a elaboração, a pré-visão e a representação, e conduzem sistematicamente ao agir, como forma de sobrevivência mental criativa.

Da matriz correlacional efectuada entre as dimensões do SITA, destacam-se relações significativas e positivas entre a grande maioria das subescalas, indicando uma extrema e esperada relação e afectação mútua destes *fios* que tecem a *malha psíquica*, com maior ou menor *colorido*.

Os dados agora apresentados, parecem vir reforçar e justificar, *o processo de separação-individuação* não conseguido destes adolescentes, levando à sua fixação e retenção a esta etapa, impedindo-os de transitar para a maturidade da triangulação edipiana. Esta ideia pressupõe o apoio à noção previamente sugerida, da Patologia Delinquente como associada a um funcionamento Limite da personalidade, caracterizada por uma extrema imaturidade afectiva, pelo excessivo distanciamento emocional dos pais, associado predominantemente a comportamentos desviantes. Os processos afectivos ligados *ao processo de separação-individuação* têm um impacto fortíssimo no equilíbrio emocional do adolescente e, consequentemente, no seu comportamento socialmente ajustado ou desajustado.

Mais uma vez, será de relevar a maior limitação deste estudo, a qual eventualmente terá estado na origem da não significância estatística de muitos destes resultados, a reduzida dimensão da amostra. Contudo, achámos que todos estes dados estavam impregnados de uma riqueza extrema que não merece ser descartada, nem submetida à objectividade, de algo tão subjectivo e complexo como é o funcionamento mental psicodinâmico.

E também, porque o contacto *en face*, que o trabalho transferiu, reforça a ousadia inicial de que estes *reis-escravos* para os quais *a morte e a vida têm um significado muito diferente do que tem para nós*, estão fixos à *concha fria e ausente*, expostos à *chuva e ao vento*, desenhando um caminho de *bronze falso*.

## 5.2 Conclusão

O presente trabalho teve como objectivo principal o estudo do funcionamento mental adjacente à delinquência juvenil com base no *processo de separação – individuação* em adolescentes internados em Centros Educativos (N = 30). Neste ponto apresentar-se-ão as conclusões, sintetizando-se os principais resultados obtidos. Serão ainda salientadas algumas limitações da investigação e apontadas sugestões para estudos futuros.

Retira-se como principal conclusão que os adolescentes internados em Centros Educativos revelaram um padrão de *separação – individuação* problemático, advindo da insuficiência da constância objectal. Daqui resulta a incapacidade e a impossibilidade de construção de autonomia e afirmação, factores consentâneos com uma linha de funcionamento Limite da personalidade, tal como proposto na Hipótese 1 da presente investigação.

Apesar da não constatação de diferenças estatisticamente significativas, possivelmente devido à reduzida dimensão da amostra, entre o padrão de *separação-individuação* e variáveis familiares, anamnésicas e relativas ao contexto institucional, foram denotados aspectos bastante interessantes, que remetem para o questionamento e reflexão acerca da qualidade das relações e dos afectos. Encontraram-se, contudo, relações significativas entre dimensões do SITA e algumas variáveis específicas do internamento que reforçam um *processo de separação – individuação* falho, remetendo para um confronto/ataque à realidade, em detrimento de um conflito com a mesma.

Desta forma, é sugerida uma uniformização no funcionamento mental da delinquência juvenil, o que contraria alguma da literatura existente na área. No entanto, deverão ser apontadas algumas limitações que poderão ter contribuído para a não verificação de outras linhas de funcionamento. Primeiramente, e como tem sido referido ao longo da investigação, dever-se-á relevar o facto da amostra ter uma dimensão reduzida. De seguida, realça-se que mais de metade dos sujeitos participantes estavam sob um Regime Fechado, facto este que poderá ser indicativo de uma maior dependência do *acting out*, E, por fim, a inexistência de um grupo de controlo, que permitisse a comparação de populações com e sem diagnóstico de delinquência.

Estudos futuros poderão avaliar mais a fundo a temática aqui investigada, utilizando uma amostra de maiores dimensões, bem como incluindo um grupo de

controle. Seria também interessante como linha de investigação, a introdução de um instrumento que avaliasse dimensões relativas a um funcionamento neurótico, de forma a perceber os núcleos que prevalecem no aparelho psíquico delinquente.

Preponderante, será a realização de estudos empíricos nesta área, que possam ser exequíveis, reflectindo-se na prática clínica dos profissionais que poderão funcionar como figuras de referência, capazes de auxiliar na mudança *vínculo pelo ódio*, para *vínculo pelo amor*.

Parece evidente que estes adolescentes privados de liberdade por actos infraccionais cometidos necessitam da promoção da sua capacidade criativa por via sublimatória, com o intuito de permitir que *sejam* e se *vejam* no tempo e no espaço, contrapondo a concretude da sua existência calcada na posse imediata de bens que oferecem a sensação de realização, ainda que, em termos externos e circunstanciais. Por não terem brincado, por não brincarem, por não terem representado, por não representarem, apresentam como a sua única legítima posse, a posse da sensação de não serem significativos para ninguém, nem mesmo para aqueles que os viram nascer e crescer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aberastury, A. , & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aguilar, B., Sroufe, A., Egeland, B., & Carlson, E. (2000). Distinguishing the early-onset/persistent and adolescence-onset antisocial behavior types: from birth to 16 years. *Development and Psychopathology*, 12, 109-132.
- Ainchorn, A. (1964). *Delinquency and Child Guidance: Selected papers*. New York: International Universities Press.
- Ainsworth, M. D. S. (1968). Object relations, dependency, and attachment: A theoretical review of the infant mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Aisenstein, M., & Smadja, C. (2001). De la psychosomatique comme courant essential. In A. Green (dir.) *Courants de la psychanalyse contemporaine*. Revue *Française de Psychanalyse*, número hors série. Paris: PUF.
- Alexander, F. & Staub, H. (1931). *The Criminal and His Judges*. London: Mcmillan Press (Obra original publicada em 1929).
- Alvim, F. (1957). Os problemas da delinquência à luz da psicanálise. *Jornal do Médico*, 755, 541-549.
- Anastasopoulos, D. (1988). Acting out during adolescence in terms of regression in symbol formation. *International Review of Pshycho-Analysis*, 15, 177-187.
- Balint, M. (1968). *A Falha Básica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Baranger, W. (1971). *Posicion y Objeto en la Obra de Melanie Klein*. Buenos Aires: Ediciones Kargieman.

Bettelheim, B., & Sylvester, E. (1950). Delinquency and morality. *Psychoanalytic Study of the Child*, 5, 329-342.

Bion, W. R. (1956). *Second Thoughts*. London: W. Heinemann.

Bion, W. R. (1959). Attacks on linking. *International Journal of Psychoanalysis*, 40 (5-6), 308-315.

Bion, W. (1966). *Os elementos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Ed (Obra original publicada em 1963).

Bion, W. R. (1991). *O Aprender com a Experiência*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1962).

Bird, T. (1979). *Delinquency Prevention, Theories and Strategies*. Washington: The Office.

Blos, P. (1962). *On adolescence, a Psychoanalytic Interpretation*. New York: Free Press of Glencoe.

Blos, P. (1965). The initial stage of male Adolescence. *Psychoanalytic Study of Child*, 20, 145-164.

Blos, P. (1967). The second individuation of adolescence. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 22, 162-186.

Blos, P. (1976). *La Transición Adolescente*. Buenos Ayres: Amorroetu y ASAPPIA.

Blos, P. (1978). The concept of acting out in relation to the adolescent process. In Rexford, E. (Ed.), *A developmental approach to problems of acting out* (pp. 153-174). New York: International Universities Press.

Bowlby, J. (1981). *Separação*. São Paulo: Martins Fontes.

Bowlby, J. (1985). *Perda*. São Paulo: Martins Fontes.

Bowlby, J. (1990). *Apego*. São Paulo: Martins Fontes.

Braconnier, A., & Marcelli, D. (2000). *As Mil Faces da Adolescência*. Lisboa: Climepsi.

Bretherton, I. (1987). New perspectives on attachment relations: Security, communication, and internal working models. In J. Osofsky (Ed.), *Handbook of Infant Development* (pp.1061-1100). New York: Wiley.

Brownfield, D. & Thompson, K. (1991). Attachment to peers and delinquent behaviour. *Canadien Journal of Criminology*, 45-60.

Carter, L. (1977). Vicissitudes of empathy in borderline adolescent. *International Review of Psycho-Analysis*, 4, 317-327.

Claes, M., Lacourse, E., Ercolani, A., Pierro, A., Leone, L., & Presaghi, F. (2005). Parenting, peer orientation, drug use and antisocial behaviour in late adolescence. A cross-national study. *Journal of Youth and Adolescence*, 34( 5), 401-411.

Chasseguet-Smirgel, J. (1988). *As duas árvores do jardim*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Choquet, M. (1998). Suicide et adolescence: acqies épidémiologiques. *Médecine Thérapeutique/Pédiatrie*, 1 (4), 337-343.

Coimbra de Matos, A. (1977). Delinquência juvenil e psiquiatria da adolescência. *Jornal do Médico*, IV, 71-75.

Coimbra de Matos (1986). Notas sobre a adolescência. *Jornal do Médico*, CXXI 2196 e 2198, 719-724; 801-802.



- Coimbra de Matos (1987). A psicanálise e o medo. *Alter/Ego*, 4, 113-120.
- Coimbra de Matos, A. (1994). Estados-limite: etiopatogenia, patologia e tratamento. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 6, 7-25.
- Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Coimbra de Matos, A. (2002). *O Desespero*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Coslin, P. G. (2003). *Psychologie de L'Adolescent*. Paris: Armand Colin.
- Cousineau, M. M. (2007). Prévention des jeunes en difficultés: reconnoitre la complexité en attaquer les intersections. *Revue de l'IPC*, 1.
- Diário da Republica Nº215 I- Série- A, 14 de Setembro de 1999, pp. 6320-6351.
- Diatkine, G. (1983). *Les Transformations de la psychopathie*. Paris: PUF.
- Eissler , K. R., (1949). *Searchlights on Delinquency*. New York: International Universities Press .
- Erickson, E. H. (1963). *Childhood and Society*. New York: W. W. Norton & Co. Inc.
- Erickson, E. H. (1976). *Identidade: Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Esman, A. (1980). Adolescent psychopathology and the rapptochement phenomenon. *Adolescent Psychiatry*, 8, 320-331.
- Fairbairn, W. R. D. (1952). *Psychological Studies of the Personality*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Fenichel, O. (1945). Neurotic acting out. In *The Collected Papers of Otto Fenichel*.

New York: Norton.

Ferenczi, S. (1992). O desenvolvimento do sentido da realidade e seus estágios. In *Obras Completas – III*. São Paulo: Martins fontes (Obra original publicada em 1913).

Ferenczi, S. (1932). Confusão de língua entre os adultos e as crianças: A linguagem da ternura e a linguagem da paixão. In *Escritos Psicanalíticos: 1909-1933* (pp.347-56). Rio de Janeiro: Taurus.

Fleming, M. (1983). A separação adolescente – progenitores. *Análise Psicológica*, 4 (III), 521 – 542.

Foulkes, S. H. (1972). *Psicoterapia de Grupo*. São Paulo: IBRASA (Obra original publicada em 1963).

Frainberg, S. (1963). On Adolescence. A psychoanalytic Interpretation. *Psychoanalytic Quarterly*, 32, 432-436.

Freud, S. (1959). Inhibitions, symptoms and anxiety. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *The Standard Edition of the Complete Psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 20, pp.77-175). London: Hogarth Press (Obra original publicada em 1926).

Freud, S. (1962). *The Ego and the Id*. London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho – Analysis (Obra original publicada em 1923).

Freud, S. (1964). An outline of psycho-analysis. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *The Standardedition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 141-207). London: Hogarth Press (Obra original publicada em 1940).

Freud, A. (1968). Acting Out. *International Journal of Psycho-Analysis*, 49, 165-170.

Freud, A. (1972). Comments on aggression. *International Journal of Psycho-Analysis*, 53, 163-172.

Freud, S. (1974). Escritores criativos e devaneios. *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, IX*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1908).

Freud, S. (1976). Moral sexual *civilizada* e doença nervosa moderna. *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, VIX*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1908).

Freud, S. (1987). Recordar, repetir e elaborar (Ed. e Trad.). *Edição Standart Brasileira das obras Completas de Sigmund Freud (Vol.12)*. Rio de Janeiro: Imago (Obra Original publicada em 1914).

Freud, S. (2001). *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*. Lisboa: Livros do Brasil. (Obra original publicada em 1905).

Friedlander, K. (1947). The Psycho-analytical Approach to Juvenile Delinquency (Theory, Case-Studies, Treatments). New York. The International University Press.

Gaddinni, E. (1982). Acting out in the psychoanalytic session. *International Journal of Psychoanalyses*, 63, 57-64.

Geada, M. (1992). Vulnerabilidade psicológica ao consumo ilícito de tóxicos na adolescência. *Tese de doutoramento em psicologia*. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Greenacre, P. (1950). General problems of acting out. *Psychoanalytic Quarterly*, 19, 455-467.

Greenacre, P. (1952). *Trauma, Growth and Personality*. New York: Norton.

Guedeney, N., & Guedeney, A. (2004). *Vinculação: conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores.

Guntrip, H. (1969). *Schizoid Phenomena Object-relations and the Self*. New York: International Universities Press.

Kammerer, P. (1992). *Délinquance et Narcissisme à l'Adolescence*. Paris: Bayard Édition.

Kanzer, M. (1957). Acting out, sublimation and reality testing. *Journal of American Psychoanalytic Association*, 5, 663-685.

Kaufman, I. (1955). Three basic sources for predelinquent characters. *Nerv. Child*, 11, 12-15.

Kernberg, O. (1970). Factors in the Psychoanalytic treatment of narcissistic personalities. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 18, 51-85.

Kernberg, O. (1975). *Borderline Conditions and Pathological Narcissism*. New York: Jason Aronson.

Kernberg, O. (1995). *Transtornos Graves de Personalidade – Estratégias Psicoterapêuticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Kinable, J. (1990). Les sens de la delinquance. In C. Debuyst (ed.). *Acteur Social et Délinquance* (pp. 375-395). Bruxelles: Mardaga.

Klein, M. (1946). Notes on some schizoid mechanisms. In *Developments in Psychoanalysis* (pp.292-305). London: Hogarth Press.

Klein, M.; Heimann, P.; Isaacs, S., & Riviere, J. (1952). *Developments in Psycho-Analysis*. London: The Hogarth Press.

Klein, M., & Riviere, J. (1970). *Amor, Ódio e Reparação*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Kohut, H. (1984). *Self e narcisismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Kohut, H. (1996). *The Restoration of the Self*. Connecticut: International Universities Press.

Krug, G., Dahlberg, L., Mercy, J. A., Zwi, A., & Lozano, R. (2002). La violence et la santé. Rapport Mondial.

Lacan, J. (1950). Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. *Revue Française de Psychanalyse*, IV (1), 07- 29.

Lagache, D. (1948). Contribution à la psychologie de la conduite criminelle. *Revue Française de Psychanalyse*, 12 (4), p. 541-570.

Lebovici, S. (1976). Freud et la psychologie clinique. *Psychoanalytic Quarterly*, 45, 133-136.

Levine, J.; Green, C.; Millon, T. (1986). The separation-individuation test of adolescence. *Journal of Personality Assessment*, 50 (1), 123-137.

Levine, J.; Saintonge, S. (1993). Psychometric properties of separation-individuation teste of adolescence whithin a clinical population. *J. Clin. Psychol.*, 49, 429-507.

Levi, G. & Schimitt, J. (1996). *História dos Jovens*. São Paulo: Companhia das Letras.

Levy , D. M. (1932). On the problem of delinquency. *Am. J. Orthopsychiat.* 2, 197-211.

Likierman, M. (1987). The function of anger in human conflict. *International Review of Phsycho-Analysis*, 14, 143-162.

Lobo Antunes, A. (2008). *O Meu Nome é Legião*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Loeber, R. & Farrigton (2000). Young children who commit crimes. Epidemiology, development, risk factors, early interventions and policy implication. *Development and Psychopathology*, 12, 737-762.

Loevinger, J. (1957). Objective tests as instruments of psychological theory. *Psychological Reports*, 3, 635-694.

Luquet, P. (1973). Les ideaux du Moi et L'ideal du Je. *Rev. Française de Psychanalyse*, 5-6, 1007-1013.

Malpique, C. (1990). *A Ausência do Pai*. Porto: Edições Afrontamento.

Maroco, J. (2003). *Análise Estatística com Utilização de SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

Marques, M. (1995). *Adolescência e Transgressão: entre a transgressão dos limites e os limites da transgressão*. Congresso: Os Jovens e a Justiça. Lisboa: Associação dos Psicólogos Portugueses.

Marques, R. (2006). *Crianças acolhidas em lar residencial: Representações de vinculação, desenvolvimento, competências sociais e comportamento*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Matos, M. P. (1991). Factores de Risco Psicológico em Jovens Condutores de Motorizada e sua Influência Relativa na Ocorrência de Acidentes. Dissertação de Doutoramento em Psicologia Clínica apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Matos, M. P. (2000). *No limite da adolescência – ou aquém e além da adolescência*. Comunicação apresentada no XIII Simposium da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. Tema: Espaço e fronteiras – patologia borderline. Coimbra: 10 e 11 de Novembro de 2000.

Matos, M. (2005). *Adolescência: representação e psicanálise*. Lisboa: Climepsi Editores.

Mahler, M. (1952). On child psychosis and schizophrenia: autistic and symbiotic infantile psychoses. *Psychoanalytic Study of the Child*, 7, 286–305.

Mahler, M. (1968). *On Human symbiosis and the vicissitudes of individuation*. New York: International Universities Press.

Mahler, M. (1981). Agression in the service of separation – individuation. Case study of a mother-daughter relationship. *Psychoanalytic Quarterly*, *L*, 625 – 638.

Mahler, M. (1982). *O Processo de Separação – Individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas (Obra original publicada em 1979).

Masterson, J. F. (1972). *Treatment of the Borderline Adolescent: A Developmental Approach*. New York: Wiley Interscience .

Masterson, J. F., & Rinsley, D. B. (1975). The borderline syndrome. *Int. J. Psychoanal.*, *56*, 163-177.

McClanahan, G.; Holmbeck, G. (1992). Separation-Individuation, family functioning, and psychological adjustment in college students: A construct validity study of the separation-individuation test of adolescence. *J. Personal Assess.* *59*, 468-485.

Mohammed (2007). *Les Bandes de Jeunes: Familles de substitutuion?* Thèse Sociologie de l'Université de Versailles- Saint- Quentin - en- Yvelines.

Nevjinsky, F. (1996). Violances de l'adolescent et angoisse de demembrement. *Psychologie Clinique et Projective*, *1*, 93-113.

Orbach, S. (1986). *Hunger Strike*. New York: W. W. Norton & Company.

Pothast, M. C. (1956). A personality study of two types of murderers. Unpublished Doctoral Dissertation, Michigan state University.

Reik, T. (1932). *El Asesini Desconocido*. Buenos Aires: El Ateneo.

Rice, K.; Cole, D.; Lapsley, D. (1990). Separation-individuation, family conhesion, and

adjustment to college: Measurement validation and test of a theoretical model. *J. Counseling Psychology*, 37, 195-202.

Rosenfeld, H. A. (1965). *Os Estados Psicóticos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Rosenfeld, H. A. (1971). A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects of narcissism. *Int. J. Psychoanal*, 52, 169-178.

Rosenfeld, H. A. (1989). O *Acting out* em pacientes seriamente perturbados e psicóticos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 23 (2), 300-306.

Ruben, M. (1990). Delinquency, a defense against loss object and reality. *International Journal of Psycho-Analysis*, 71, 77-87.

Sandler, J., Perlow, M. (1989). In Sandler, *Projeção, Identificação, Identificação projectiva*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Schmideberg, M. (1956). Delinquent acts as perversions and fetiches. *International Journal of Psycho-Analysis*, 37, 422-425.

Segal, H. (1970). Note sur la formation du symbole. *Revue Française de Psychanalyse*, 34, 4.

Singer, M. (1975). The Borderline delinquent: The interlocking of intrapsychic and interactional determinants. *International Review of Psycho-Analysis*, 2, 429-441.

Sterba, E. (1949). Analysis of Psychogenic Constipation in a Two-Year-Old Child *Psychoanal. Study Child*, 4, 227-252.

Tyrode, Y. & Bourcet, S. (2002). *Os Adolescentes Violentos*. Lisboa: Climepsi Editores.



Van Dann, C., Janssens, J., & Bruyn, E. (2005). PEN, Big five, juvenile delinquency and criminal recidivism. *Personality and Individual Differences*, 39, 7-19.

Van Evra, J. P., & Rosenberg, B. G. (1963). Ego strength and ego disjunction in primary and secondary psychopaths. *J. clin. Psychol.*, 19, 61-63.

Wiesner, I. (1982). *Child and Adolescent Psychology*. USA: Wiley & Sons.

Wiesner, M. (2003). A longitudinal latent variable analysis of reciprocal relations between depressive symptoms and delinquency during adolescence. *Journal of Abnormal Psychology*, 4, 633-645.

Wiesner, M., & Kim, H.M. (2006). Co-Occurring delinquency and depressive symptoms of adolescent boys and girls: A dual trajectory modeling approach. *Developmental Psychology*, 42 (6), 1220-1235.

Winnicott, D.W. (1945). Primitive emotional development. *International Journal of Psycho-Analysis*, 26 (3), 137-143.

Winnicott, D.W. (1994). *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D.W. (1996). Delinquência como sinal de esperança. Vivendo de modo Criativo. In *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1967).

Winnicott, D. W. (2001). O primeiro ano de vida: Concepções modernas do desenvolvimento emocional. In D. W. Winnicott (Ed.), *A família e o Desenvolvimento Individual* (pp. 3-20). São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1958).

Winnicott, D.W. (1984/2005). *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1984).

## **ANEXO 1**

---

**Teste de Separação – Individuação na Adolescência (SITA)**

## Questionário

Seguem-se algumas perguntas acerca da maneira como te vês a ti próprio. Cada pergunta tem 5 alternativas de resposta, numeradas de 1 a 5. Assinala com um círculo aquela que melhor se ajusta a ti. Lê com atenção cada pergunta e responde com sinceridade. Este questionário é **ANÓNIMO**.

**Discordo totalmente**

**Concordo Totalmente**

1- Por vezes os meus pais são tão protectores para comigo que me sinto sufocado.

1                      2                      3                      4                      5

2- Às vezes sinto-me tão “poderoso” que parece não haver proeza, por mais difícil, que eu não possa conseguir.

1                      2                      3                      4                      5

3- A ideia de ficar sozinho assusta-me.

1                      2                      3                      4                      5

4- Frequentemente não compreendo o que as pessoas pretendem ao procurarem ser muito minhas amigas.

1                      2                      3                      4                      5

5- Sinto-me tão bem sozinho quanto acompanhado.

1                      2                      3                      4                      5

6- Estou ansioso pelo dia em que possa viver a minha própria vida sem intromissão dos meus pais.

1                      2                      3                      4                      5

7- A ideia da morte preocupa-me bastante.

1                      2                      3                      4                      5

8- A maior parte dos pais é excessivamente controladora e realmente não quer que os filhos cresçam.

1                      2                      3                      4                      5

9- Por vezes penso como seria bom voltar ao tempo de criança quando tinha alguém que olhava por aquilo que eu precisava.

1                      2                      3                      4                      5

10- Os meus amigos são pessoas muito diferentes umas das outras.

1                      2                      3                      4                      5

11- Não vejo nenhum interesse em ter relações intensas com alguém.

1                      2                      3                      4                      5

12- Gosto muito de observar o meu corpo ao espelho.

1                      2                      3                      4                      5

13- Trabalho e estudo melhor quando faço as coisas por mim e não tenho as outras pessoas à minha volta a aborrecer-me.

1                      2                      3                      4                      5

14- Mesmo quando sou muito amigo de uma pessoa, sinto que não deixo de ser inteiramente eu próprio.

1                      2                      3                      4                      5

15- Sinto-me só quando estou muito tempo fora do convívio dos meus pais.

1                      2                      3                      4                      5

16- Sinto-me tão à vontade com um dos meus amigos/as que posso contar-lhe tudo o que se passa comigo.

1                      2                      3                      4                      5

17- Eu e os meus amigos/as temos tantos interesses em comum, mas também temos alguns diferentes.

1                      2                      3                      4                      5

18- Não acho que o amor tenha muita importância na minha vida.

1                      2                      3                      4                      5

19- Receio frequentemente que a minha namorada acabe o namoro comigo (ou o meu melhor amigo/a deixe de ser meu amigo/a)

1                      2                      3                      4                      5

20- Não gosto de ter relações afectivas profundas.

1                      2                      3                      4                      5

21- Mesmo quando o meu melhor amigo/a faz coisas que eu não gosto, mesmo assim não deixo de o/a estimar.

1                      2                      3                      4                      5

22- Tendo em conta as pessoas que eu conheço, comparativamente considero que valho mais que elas.

1                      2                      3                      4                      5

23- Frequentemente revolto-me contra aquilo que os meus pais dizem que devo fazer.

1                      2                      3                      4                      5

24- Não me incomoda o facto de por vezes discordar dos meus amigos/as.

1                      2                      3                      4                      5

25- Por vezes fico espantado com os talentos e capacidades que verifico possuir.

1                      2                      3                      4                      5

26- A minha vida preenche-me totalmente apesar de não ter grandes amigos.

1                      2                      3                      4                      5

27- Embora eu seja semelhante em muitas coisas aos meus melhores amigos/amigas também sou diferente deles de muitas maneiras.

1                      2                      3                      4                      5

28- As minhas amizades tendem a ser do género “grande amigo/a”.

1                      2                      3                      4                      5

29- Um dos meus amigos/as conhece-me tão bem que sinto que ele/ela pode praticamente ler o meu pensamento.

1                      2                      3                      4                      5

30- A amizade não vale o trabalho que requer para ser conseguida e mantida.

1                      2                      3                      4                      5

31- Embora goste de me dar bem com os meus amigos/as, se discordo de alguma coisa que eles/elas fazem, habitualmente não tenho dificuldade em dizer-lhes.

1                      2                      3                      4                      5

32- Considero muito importante para mim a opinião que os professores tenham a meu respeito, como pessoa.

1                      2                      3                      4                      5

33- Conheço alguns dos meus amigos/as tão bem, que quase me parece que posso ler-lhes o pensamento.

1                      2                      3                      4                      5

34- Quando estou com um grupo de amigos/as, umas vezes actuo como líder (chefe) outras como adepto (do líder).

1                      2                      3                      4                      5

35- Penso que é patético as pessoas chorarem quando assistem a filmes sentimentais.

1                      2                      3                      4                      5

36- Com o meu professor/a preferido/a posso partilhar alguns dos meus receios ou preocupações mais íntimas.

1                      2                      3                      4                      5

37- Acredito que Deus vela por mim e me protege dos perigos.

1                      2                      3                      4                      5

38- Vendo bem, não preciso de ninguém.

1                      2                      3                      4                      5

39- É mesmo uma luta para mim tornar-me independente dos meus pais.

1                      2                      3                      4                      5

40- Fico muito preocupado quando penso na possibilidade de um dos meus pais morrer.

1                      2                      3                      4                      5

41- Quando penso nas pessoas que são importantes para mim, sinto desejo de estar mais tempo com elas e de ter um relacionamento afectivo mais profundo.

1                      2                      3                      4                      5

42- Um dos meus professores/as preferido/as tem uma personalidade extraordinariamente parecida comigo.

1                      2                      3                      4                      5

43- Na verdade não amo ninguém.

1                      2                      3                      4                      5

44- Os meus pais controlam muito as minhas saídas, os amigos e locais que frequento.

1                      2                      3                      4                      5

45- Na escola tenho uma especial amizade por um dos meus professores/as.

1                      2                      3                      4                      5

46- Sinto que as normas que os meus pais me impõem reduzem muito a minha liberdade.

1                      2                      3                      4                      5

47- Quando tenho uma verdadeira amizade a alguém, geralmente esse alguém conhece tanto as minhas boas como más qualidades.

1                      2                      3                      4                      5

48- Acho que a amizade que tenho pelos meus amigos é igual à amizade que eles têm por mim.

1                      2                      3                      4                      5

49- Sinto que existe um sentimento de unidade a ligar-me às outras pessoas.

1                      2                      3                      4                      5

50- Acho que a dependência de outrem é um sinal de fraqueza.

1                      2                      3                      4                      5

51- Existe um sentido de inter – relação a ligar em comum todas as pessoas.

1                      2                      3                      4                      5

52- Deus conhece a minha vida, e eu irei onde ele me guiar.

1                      2                      3                      4                      5

53- As outras pessoas impressionam-se facilmente comigo.

1                      2                      3                      4                      5

54- Agrada-me muito constatar que as outras pessoas gostam da minha aparência física.

1                      2                      3                      4                      5

55- Assusta-me a ideia de ir a uma festa com muita gente, não conhecendo lá ninguém.

1                      2                      3                      4                      5

56- Comparando-me com as outras pessoas, sinto que sou diferente e especial.

1                      2                      3                      4                      5

57- No meu grupo de amigos/amigas, sou frequentemente o centro das atenções.

1                      2                      3                      4                      5



58- Preferia o tempo em que era mais novo, quando os meus pais olhavam para mim e me diziam tudo o que tinha de fazer.

1                      2                      3                      4                      5

59- As outras pessoas, frequentemente, dirigem-me comentários de admiração por mim.

1                      2                      3                      4                      5

60- Não sinto necessidade de relações de amizade muito profundas.

1                      2                      3                      4                      5

61- Fico preocupado quando sou criticado por algum dos meus professores/as.

1                      2                      3                      4                      5

62- As outras pessoas parecem impressionar-se com as minhas capacidades.

1                      2                      3                      4                      5

63- Gostaria de viver sempre na mesma localidade onde vivessem os meus pais e irmãos, para poder viver e conviver mais com eles.

1                      2                      3                      4                      5

64- Os meus professores/as dão-me conselhos sobre a forma como devo actuar nas minhas intenções sociais com os outros.

1                      2                      3                      4                      5

65- Os meus projectos de vida são mais importantes para mim, que as minhas amizades.

1                      2                      3                      4                      5

66- Desejo ansiosamente sair do controlo dos meus pais.

1                      2                      3                      4                      5

67- Fico transtornado se verifico que algum dos meus professores/as está decepcionado comigo.

1

2

3

4

5

Obrigada.

## **ANEXO 2**

---

**SubEscalaS do SITA**

## **SUB-ESCALAS DO SITA**

**Sub-Escala 1: Ansiedade de Separação** – Corresponde aos itens: 3; 7; 19; 32; 40, ; 55; 61; 67.

**Sub-Escala 2: Ansiedade de Destruição** – Corresponde aos itens: 1; 6; 8; 23; 39; 44; 46; 66.

**Sub-Escala 3: Negação da Dependência** – Corresponde aos itens: 4; 11; 13; 18; 20; 26; 30; 35; 38; 43; 50; 60; 65.

**Sub-Escala 4: Procura de Cuidados** – Corresponde aos itens: 9; 15; 37; 51; 52; 58; 63.

**Sub-Escala 5: Necessidade de Simbiose** – Corresponde aos itens: 16; 28; 29; 33; 36; 41; 42; 45; 49; 64.

**Sub-Escala 6: Narcisismo** – Corresponde aos itens: 2; 12; 22; 25; 53; 54; 56; 57; 59; 62.

**Sub-Escala 7: Individuação** – Corresponde aos itens: 5; 10; 14; 17; 21; 24; 27; 31; 34; 47; 48.

## **ANEXO 3**

---

### **Fórmula de Cálculo do SITA**

## **FÓRMULA DE CÁLCULO DO SITA**

A = 5, B = 4, C = 3, D = 2, E = 1

O total para cada sub-escala = (resultado total/ # dos itens da escala) x 10

## **ANEXO 4**

---

**Ficha de Recolha de Informação**

## FICHA DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO

Data de preenchimento: ...../...../.....

### A. Identificação

Data de Nascimento: ...../...../.....

Idade: .....

Sexo: M ☐

Grupo Étnico:

Luso ☐ Africano ☐ Indiano ☐ Cigano ☐ Outro ☐ Qual?.....

### B. Agregado Familiar

Tipo de Família:

Nuclear ☐ Alargada ☐ Reconstituída ☐ Monoparental ☐  
materna

Monoparental paterna ☐ Outra ☐ Qual? .....

O adolescente tem irmãos? Não ☐ Sim ☐ Se sim, quantos? .....

Idades: ..... .....

.....

Sexo: M ☐ F ☐ M ☐ F ☐ M ☐ F ☐ M ☐ F ☐ ☐ ☐

M F

---



Pais dos adolescentes:

Vivem juntos? Não ☐ Sim ☐

Estão divorciados ou separados? Não ☐ Sim ☐

Se sim, que idade  
tinha?.....

Mãe falecida? Não ☐ Sim ☐

Se sim, que idade  
tinha?.....

Pai Falecido? Não ☐ Sim ☐

Se sim, que idade  
tinha?.....

Mãe e pai falecidos? Não ☐ Sim ☐

Se sim, que idade  
tinha?.....

**Mãe:**

Idade: .....

Nível de escolaridade: ☐ ☐ ☐ ☐  
Não sabe 4 anos - 6 anos 9 anos - 12 anos Curso médio-superior

Profissão:.....  
.....

Aspectos relevantes acerca da

mãe:.....

.....  
.....  
**Pai:**

Idade: .....

Nível de escolaridade:

☐

4 anos - 6 anos

☐

9 anos - 12 anos

☐

Curso médio-superior

☐

Não sabe

Profissão:.....

.....

Aspectos relevantes acerca do

pai:.....

.....

.....

### C. Dados Anamnésicos

Gravidez vigiada?

Não

☐

Sim

☐

Comportamentos de risco durante a gravidez?

Não

☐

Sim

☐

Se sim, quais?

.....

.....

.....

Tipo de parto:

Eutócico

☐

Distócico

☐

Se distócico, especificar o

tipo.....

Doenças da criança a assinalar (com indicação de idade e evolução):

.....

Problemas de desenvolvimento da criança a assinalar (com indicação de idade e evolução):

## Alimentação

Peito? Não ☐ Sim ☐

Se sim, até que idade?.....

Biberão? Não ☐ Sim ☐

Se sim, até que idade?.....

## Sono

Hipersónia? Não ☐ Sim ☐

Insónia? Não ☐ Sim ☐

Pesadelos frequentes? Não ☐ Sim ☐

Terroros nocturnos frequentes? Não ☐ Sim ☐

## Controlo dos Esfíncteres

Com que idade deixou de usar fralda?.....

## Motricidade

Com que idade começou a andar?.....

Depois de ter começado a andar, houve algum período de retrocesso? Não ☐ ☐

Sim

## Linguagem

Com idade começou a falar fluentemente?.....

Durante a infância, registou-se algum internamento hospitalar? Não ☐ Sim ☐

Se sim, com que idade? .....

Qual o motivo?

.....

Duração?.....

.....

Enquanto esteve internado, esteve acompanhado pela mãe? Não ☐ Sim ☐

Esteve inserido numa ama? Não ☐ Sim ☐  
Se sim, a partir de que idade?.....  
Com que  
regularidade?..... ☐ ..... ☐  
A adaptação foi boa? Não Sim  
Qual a figura de referência que acompanhou a criança nesta  
etapa?..... ☐ ☐  
Quando separado da figura de referência, chorava? Não Sim

Frequentou creche? Não ☐ Sim ☐  
Se sim, a partir de que idade?.....  
Com que  
regularidade?.....  
A adaptação foi boa? Não ☐ Sim ☐  
Qual a figura de referência que acompanhou a criança nesta  
etapa?..... ☐ ☐  
Quando separado da figura de referência, chorava? Não Sim

Frequentou jardim-de-infância? Não ☐ Sim ☐  
Se sim, a partir de que idade?.....  
Com que  
frequência?..... ☐ ..... ☐  
A adaptação foi boa? Não Sim  
Qual a figura de referência que acompanhou a criança nesta  
etapa?.....  
Quando separado da figura de referência, chorava? Não ☐ Sim ☐

Com quem viveu até aos 6 anos de  
idade?.....  
.....  
.....

## D. Situação Escolar

Habilitações Literárias: .....

O aproveitamento escolar do adolescente pode ser considerado:

Muito Bom ☐ Bom ☐ Médio ☐ Mau ☐ Muito Mau ☐

Como é a relação do adolescente com os colegas?

Muito Boa ☐ Boa ☐ Razoável ☐ Má ☐ Muito Má ☐

Como é a relação do adolescente com os professores?

Muito Boa ☐ Boa ☐ Razoável ☐ Má ☐ Muito Má ☐

## E. Contexto Institucional

### 1. Situação Jurídica

Motivo de internamento no Centro Educativo:.....

Medida Tutelar Educativa aplicada: .....

.....  
.....

Data de entrada: ...../...../.....

Idade do adolescente quando entrou:

.....

O adolescente havia já cometido delitos anteriores?

Não ☐ Sim ☐

Se sim, com que idade?.....

O adolescente já esteve internado noutra centro educativo? Não ☐ Sim ☐

Se sim, com que idade? .....

Qual o motivo?

.....

O adolescente tem familiares em Centros Educativos? Não ☐ Sim ☐

Se sim, quantos e quais as idades?.....

Motivo de internamento dos familiares:

.....

O adolescente tem familiares com medidas judiciais? Não ☐ Sim ☐

A criança esteve separada dos pais antes do acolhimento? Não ☐ Sim ☐

Se sim, qual o motivo?

.....

Durante quanto tempo?

.....

Quem cuidou da criança nessa altura?

.....

## 2. Adaptação do Adolescente ao Centro Educativo

Como foi a adaptação do adolescente ao centro educativo?

Muito Boa ☐ Boa ☐ Razoável ☐ Má ☐ Muito Má ☐

Como é a relação do adolescente com os seus companheiros?

Muito Boa ☐ Boa ☐ Razoável ☐ Má ☐ Muito Má ☐

Como é a relação do adolescente com os técnicos?

Muito Boa ☐ Boa ☐ Razoável ☐ Má ☐ Muito Má ☐

Há algum adulto na instituição com quem o adolescente tenha uma maior proximidade relacional?

Não ☐ Sim ☐ Se sim,  
quem?.....

Há algum companheiro na instituição com quem o adolescente tenha maior proximidade?

Não ☐ Sim ☐ Se sim,  
quem?.....

O adolescente manifesta interesse nas actividades desenvolvidas no centro educativo?

Não ☐ Sim ☐

Aspectos relevantes a salientar da adaptação do adolescente ao centro educativo:.....

.....  
.....

### 3. Contacto com Familiares e figuras de referencia do adolescente

O adolescente mantém contacto com familiares? Não ☐ Sim ☐

Se sim, com quem?

.....

Qual a frequência dos contactos?

Regular ☐ Esporádica/ Pontual ☐ Com períodos de abandono ☐

Alguma vez recusou uma visita? Não ☐ Sim ☐

Se sim, de

quem?.....

Nesses contactos:

A relação estabelecida pelo adolescente com a figura de referência na família é:

Muito Boa ☐ Boa ☐ Razoável ☐ Má ☐ Muito ☐  
Má

A relação estabelecida pela figura de referência na família com o adolescente é:

Muito Boa ☐ Boa ☐ Razoável ☐ Má ☐ Muito ☐  
Má

Quais os aspectos a destacar na relação adolescente-  
familiares?.....

.....  
.....



## **ANEXO 5**

---

**Carta de Autorização de Direcção Geral de Reinserção Social**

14/10/08 11033

Exmas. Senhoras Doutoras  
Rita Calvet Estrela Rodrigues e  
Susana Pires de Matos Morgadinho Faustino  
Rua Dr. Manuel Fernandes Duarte, nº 5 -4º esq  
2780 Oeiras

Sua referência

Sua comunicação de

Nossa referência  
DSEP

Data  
04.07.2008

Assunto: **Dissertação de Mestrado**

Tenho a honra de informar V. Ex.<sup>a</sup> que a sua proposta de recolha de dados, para a elaboração de dissertações de mestrado sob os temas “Diferentes géneses da delinquência juvenil” e “A relação precoce estabelecida com as figuras parentais, em jovens delinquentes”, foi autorizada, podendo ser realizada no Centro Educativo Padre António de Oliveira.

Mais informo que poderá contactar o Director do Centro Educativo de onde irá realizar o trabalho de campo. Caso queira esclarecer algumas questões ou obter informações sobre os Centros Educativos, deverá contactar a Direcção de Serviços da Área Tutelar Educativa (DSATE), através do telefone 21 317 61 00.

Relembro que deve respeitar alguns procedimentos deontológicos, em particular, a salvaguarda da confidencialidade dos dados e a despersonalização dos sujeitos alvos, bem como remeter a esta Direcção-Geral uma cópia do trabalho final, antes da sua publicação.

Com os melhores cumprimentos,

A Directora Geral

  
Leonor Furtado

JA/199/DSEP/08

## **ANEXO 6**

---

**Lei Tutelar Educativa**